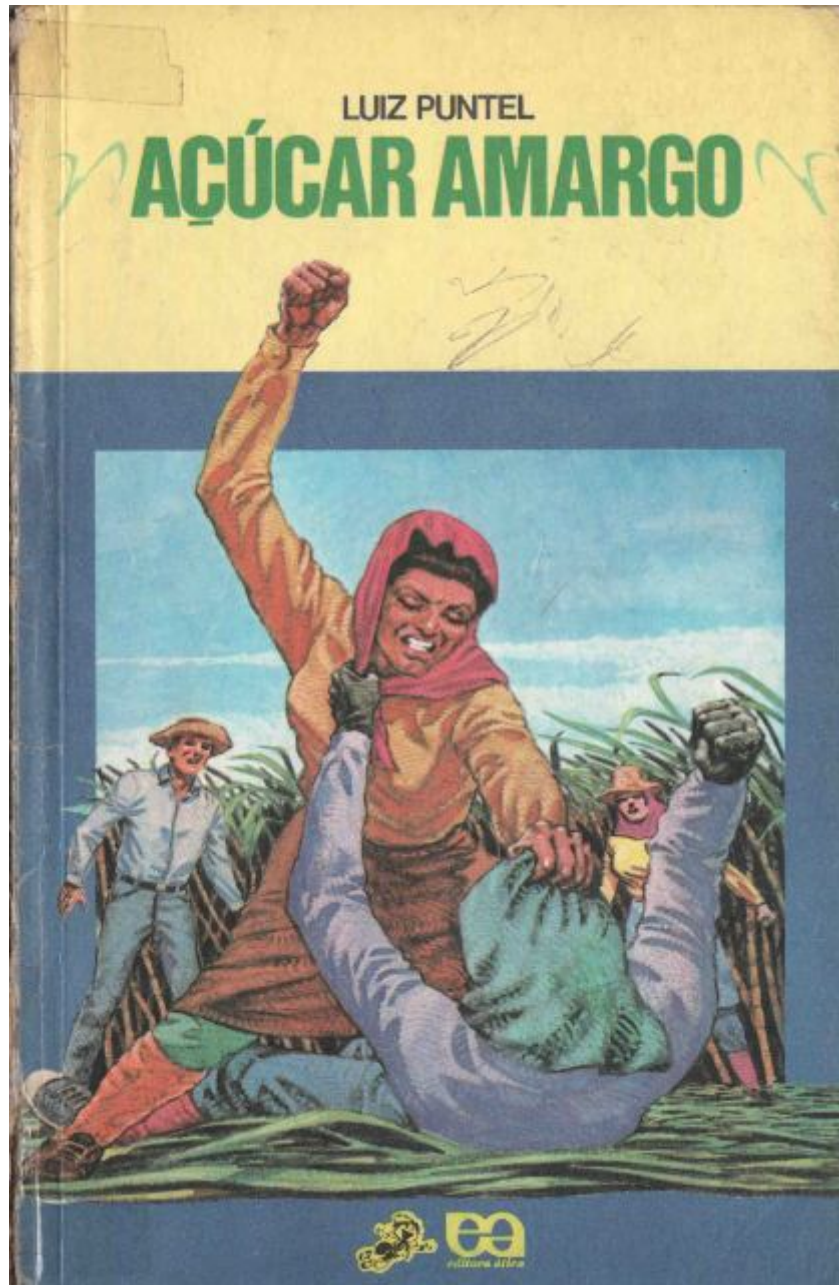


AÇÚCAR AMARGO



LUIZ PUNTEL

SÉRIE VAGA-LUME

EDITORA ÁTICA

TEXTO

Edição: Fernando Paixão
Assistência: Marta de Mello e Souza
Preparação dos originais: Rogério Ramos
Suplemento de trabalho: Antônio Carlos Oliveira
Layout de capa: Ary de Almeida Normanha

ARTE

Edição de miolo: Antônio do Amaral Rocha
Ilustrações de capa e miolo: Jô Fevereiro
Diagramação: Elaine Regina de Oliveira
Arte-final: René Etienne Ardanuy

ISBN 115 08 021148 1

1989

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. R. Barão de Iguape, 110—Td.: PABX 278-9322 C. Postal 8656—End. Telegráfico "Bomlivro"—S. Paulo

VIVENDO DAS PALAVRAS

"palavra, palavra, se me desafia aceito o combate." Carlos Drummond de Andrade

O leitor já teve oportunidade de um encontro com o escritor Luiz Puntel, através do livro Deus me livre!. Como há sempre muita curiosidade a respeito da vida de um escritor, selecionamos alguns trechos da biografia do autor, escritos de próprio punho, numa maneira muito singular de falar sobre a vida: "Ora, como todo mundo, nasci berrando de fome. Isso aconteceu na cidade mineira de Guaxupé, ai pelos idos e vindos de antigamente, num dois de abril".

Da infância, passada em São Jose do Rio Pardo, recorda-se com saudades da rua Epiácio Pessoa, hoje Francisquinho Dias, da ponte pênsil e do Crista Redentor.

Da adolescência, vivida em Ribeirão Preto, onde mora ainda hoje, lembra-se dos rachas de bola com os amigos na rua São José, pertinho da delegacia: "De tão moleques que éramos, volta e meia alguém recolhia a bola. isso quando não estávamos em cima das mangueiras, dos telhados ou divertindo-nos com pião e bolinhas de gude".

Por essa época, deixou a numerosa família de nove irmãos para ser seminarista em Brodósqui, terra natal do pintor Portinari. Desistiu logo depois, mas valeu a pena. O tempo no seminário serviu para solidificar sua formação.

Com quinze anos começou a trabalhar e não parou mais. Dentre as diversas atividades que exerceu, destaca-se a de Professor: lecionou Redação em cursinho pré-vestibular, em colégio salesiano, na Faculdade de Letras de Catanduva e na rede estadual de ensino.

Inspirado no Centro de Convivência realizado por Cidinha Baracat, formou uma oficina literária, onde trabalha com Gramática, Literatura e Redação.

Está muito entusiasmado com este novo projeto, pois acha fascinante o contato com os jovens: "É uma experiência muito rica, quando nas oficinas, sentimos os jovens encontrando o caminho das palavras e começando a 'penetrar surdamente no reino delas', como receitava o poeta Drummond".

E para provar a constante renovação dessa sua paixão pela literatura, Luiz Puntel lançou ainda dentro da Série Vaga-lume: o livro *Meninos sem pátria*, uma história repleta de emocionantes experiências de vida e que certamente agradará ao leitor.

Endereço para correspondência:

LUIZ PUNTEL
A/C da Editora Atica S.A.
Caixa Postal 8656
São Paulo—SP

* Embora esta história seja baseada em fatos reais, trata-se de uma obra de ficção, onde, evidentemente, os personagens são imaginários e as situações recuadas.

Agradecimentos:

Aos padres Bragheto e Nilton, por permitirem a pesquisa nos arquivos da Comissão Pastoral da Terra;

Ao Edson Prandini, à Marisa Lajolo, à Vera Nanna e à irmã Eunice Wolff, pelo incentivo e pelas implacáveis leituras críticas;

Ao Fábio Lotufo, pelas ponderações tão importantes;

À Adorama, amiga ausente, que não chegou a ver o livro pronto;

Ao Rogério Ramos, pela revisão criteriosa. Que trabalhão eu dei, hein, bicho?

Ao Fernando Paixão, por ter acreditado na força desta história.

SUMÁRIO

1. Pensando em namorados
2. O tempo de brincar de casinha já passou mesmo
3. De tudo fica um pouco, como diria o poeta Drummond. Mesmo que seja um beijo roubado
4. Mas, porém, contudo, entretanto, a vida está mesmo cheia de conjunções adversativas
5. Marta preferia ser suspensa ou expulsa da escola a ouvir aquilo
6. Suspende o suco de laranja! Sai um chope gelado!
7. Suspende o chope! Sai um caldo de cana
8. Mas nesta casa quem decide tudo é o pai?
9. Marta seria mesmo a culpada?
10. Uma professora descomplicada
11. Sangue do mesmo sangue
12. Um "mineiro" que trabalha em silêncio. Um farmacêutico apaixonado. Uma garota ciumenta
13. Cuidado com o Mudinho, peãozada!
14. As confidências de Marta
15. Lugar de mulher é em volta do fogão
16. Um pé de cana não forma um canavial
17. Há amor nos olhos de Marta
18. Marta tem ciúmes de Mudinho
19. O Mudinho falou? Mas como?
20. Marta, finalmente mulher
21. Marta é roubada
22. Unidos, somos fortes...
23. Não tem homem aqui, não?
24. A greve
25. Um tirinho à-toa?
26. Três dias de tensão
27. Agora é que a história começa

PENSANDO EM NAMORADOS

Nem bem o sinal tocara, anunciando o término das aulas, os alunos da oitava A, do Colégio, em Catanduva, interior paulista, já estavam nas escadarias da escola.

No meio do alarido de toda saída de alunos, alguém gritou o nome de uma garota.

—Marta! Espere um pouco, Marta!

A garota, cabelos curtos, pele morena, jeitinho bastante simpático, voltou-se.

—O que foi, Carminha?—ela perguntou, em respostas

—Não se esqueça da reunião de hoje à tarde. A turma vai se reunir pra pesquisa de história. Você vem, né?

—Não vai dar pra voltar, Carminha... Você sabe que eu moro longe da cidade e...

—Ih, é mesmo. Eu havia esquecido que você é fazendeira...

—Fazendeira? Quem sou eu, Carminha! Meu pai toca fazenda à meia, arrendando um pedaço de terra...

—Não precisa ficar chateada, né?

—Mas eu não estou chateada, Carminha. Se fosse outra pessoa que me chamasse de fazendeira, talvez eu ficasse ofendida, mas você...

—Então faz o seguinte, Marta! Eu não quero segurá-la mais, senão você perde seu ônibus... Você faz o resumo e eu e as meninas terminamos o resto. Combinado?

—Combinado!

—Então, está bem. Tchau, dona fazendeira...

As duas riram, despedindo-se. Carminha afastou-se, enquanto Marta estendia o braço, dando sinal ao ônibus que se aproximava.

Gesto inútil, na verdade. O motorista pararia de qualquer modo. Já estava acostumado com aquela passageira de todos os dias.

—Oi, seu Tonho!—Marta foi cumprimentando.

—Bom dia, menina, estudou muito?

—É, já estamos na metade do ano. Agora as matérias começam a apertar. . . E oitava série, o senhor já viu, é difícil toda vida...—Marta sorriu, indo sentar-se em uma das poltronas.

A rotina de Marta era aquela: bem cedinho, ela tomava o ônibus que vinha de Bebedouro, cidade próxima, com destino a Catanduva. A fazenda não ficava muito longe, o que facilitava seus estudos. Na frente do colégio, saltava. Quando as aulas terminavam, tomava o ônibus do meio-dia, retomando a casa.

Naquele dia, Marta voltava despreocupada, pensando no que conversara com as amigas, na hora do recreio.

Mariana, uma delas, estava de paquera com um garoto da oitava B e o assunto era aquele: namorados.

—Mas o Zé Geraldo é uma gracinha, não, gente? Mariana, entusiasmada, só falava nele.

—Eu acho ele muito arrumadinho pro meu gosto...— Carminha opinou.

—Como assim?—Mariana achou estranha aquela declaração.

—O uniforme dele é o mais limpinho, o mais passadiço da escola. O sapato dele é o mais engraxadinho. Tudo nele tem que estar certinho, lustrosinho. Sei não...

—Isso é inveja da grossa, não liga não— Eliana, outra amiga, veio em socorro.

Mariana sorriu, levando na brincadeira, mas confessou:

—Se meu pai fica sabendo, nem sei o que acontece. Ele já disse que, se me pegar de paquera com alguém, vai me levar pra casa puxando pelos cabelos. . .

—Credo, Mariana! Idade da Pedra, agora!.

—Lá em casa—Carminha comentou—, meu pai até que aprova. Só que tem que ser sob as vistas e a inspeção dele. . .

—E você, Marta, não fala nada?—Mariana pediu a sua opinião.

—Falar o quê? Meu pai já faz muito em me deixar estudar...

—Pronto. Falou a caxias!— Eliana brincou. —A Marta só fala em estudo...

—Se você tivesse o pai que eu tenho, Eliana. . . Ele vive reclamando que eu preciso aprender um ofício, que esse negócio de estudar é besteira...

—Eu conheço o pai da Marta e dou razão a ela, gente — Carminha interferiu. — Ele é secão, bravão, sempre de cara fechada...

—Vive reclamando que eu só ando grudada nos livros o dia todo, sem ajudar a mãe em nada... Se eu pensar em namoro, então...

—Ele tem razão— Eliana voltou a considerar. —Você é muito caxias!

—Caxias nada. Eu que não estude pra você ver. . . Vou ficar na beirada do fogão e do tanque a vida toda que nem a mãe. Meu pai é que é ranzinza e um casca-de-ferida mesmo. . .

Assim Marta sempre definia o pai: ranzinza, um casca de ferida. E tinha motivos. Com ela, Pedro nunca fazia festa. Seus momentos de carinho, raros e espaçados, eram devotados ao filho mais velho, o Altair, o único que sobreviveu dos três homens que Zefa, a mãe, teve.

Embora Marta o definisse tão duramente, tinha que concordar que era ótimo lavrador, sabendo trabalhar a terra como ninguém. Na redondeza, ninguém obtinha do milho, do café e das outras culturas o que ele conseguia.

Depois do Altair, o primogênito, Zefa teve mais dois filhos, que não vingaram. Finalmente, Marta foi a única que conseguiu sobreviver aos partos sempre difíceis de Zefa. Só que Marta, logicamente, era mulher.

—Pois está na hora de você pensar em namorado, Marta - uma das meninas, a Eliana, falou. —Já está ficando com corpinho de moça...

Marta ainda pensava, absorta, na conversa com as amigas, quando o cobrador lhe chamou a atenção:

- Ei, mocinha! Já chegamos. Não vai descer?

Marta deu um pulo da poltrona.

—Minha nossa! Esqueci da vida...

—Se eu não chamo, hein? Você ia descer lá em Bebedouro. . .

Tomando os cadernos, Marta foi pedindo licença aos passageiros que lotavam o corredor do ônibus.

—Desculpa pela demora, seu Tonho, eu estava distraída... —disse ao motorista.

Da estrada, de dentro do ônibus, dava para avistar a casa de Marta, lá embaixo, do outro lado, no meio do cafezal.

—Corre logo que tem visita na sua casa... —Tonho apressou-a.

—É mesmo, seu Tonho. Está dando para ver. É o dono da fazenda—Marta reconheceu a camioneta estacionada na porta.

Ao atravessar a rodovia, Marta sorriu satisfeita. Não apenas o fazendeiro estava lá, como também o Paulinho, seu filho.

Andando pela estradinha de terra, Marta ia pensando na amizade de Paulinho. Sempre fora o seu amigo de todas as horas. Era com ele que gostava de brincar de casinha.

—Faz assim, eu sou a mãe e você é o médico, tá? Faz de conta que a minha filhinha estava com febre e você vinha consultar ela, lá?

Tava. Tudo que Marta dizia, para Paulinho estava muito certo, tudo muito bom.

Mas isso tinha sido há tempos, quando Marta era pequena. Ultimamente, pouco se viam, pouco se falavam. Depois, Paulinho deixou as brincadeiras de lado, ficando diferente, mais distante.

Mesmo assim, Marta andava com passas alegres, pois sabia que iria encontrá-lo.

Mas, em uma das curvas do caminho, a camioneta passou por ela apressada, levantando poeira.

Marta notou que o fazendeiro estava carrancudo, estranho. Nem a cumprimentou festivamente, como sempre fazia ao encontrá-la. E o pior é que Marta tinha certeza de que a vira. Ele e o Paulinho não poderiam ignorar a sua presença no caminho estreito da estradinha.



2

O TEMPO DE BRINCAR DE CASINHA PASSOU MESMO

—Que será que aconteceu?—Marta perguntou, em voz alta, só obtendo a nuvem de poeira como resposta.

Quando entrou em casa, o clima estava tenso. Sem fazer perguntas, porque o momento não era propício, Marta foi trocar de roupa.

Ao se despir, Marta surpreendeu-se com o corpo de mulher, o seu, projetado no espelho do guarda-roupa. Mirou-se, admirando suas formas arredondadas. Realmente, já não era apenas uma menina sapeca.

Não demorou muito em sua análise. Sua mãe chamava-a, dizendo que o almoço estava na mesa.

A mesa, ninguém falava nada. Abriam a boca apenas para engolir a comida. Altair, Zefa e Pedro estavam de cabeça baixa, sem coragem de se entreolharem.

Depois de segundos que pareceram longos minutos, Pedro —era a ele que cabia iniciar qualquer diálogo—foi taxativo:

—Tem jeito, não, Zefa. É a gente ir se conformando com a desgraceira toda...

—Conformar com o quê, pai?—Marta intrometesse onde não era chamada, querendo saber o que, afinal, estava acontecendo.

—Vamos ter que dar o fora da fazenda— Altair respondeu no lugar do pai, sem rodeios.

—Sair daqui? Mas como?

—Mas como o que? Sair, sair... Pegar os trens todos e ganhar a estrada. Sair pelo mundo, menina!—Pedro respondeu, irritado. Já que não podia xingar o fazendeiro de todos os nomes feios que sabia, aproveitava a deixa de Marta

—Mas eu é que tenho culpa?— Marta enfezou-se, enquanto servia-se de arroz e feijão.

—Tem não, filha. Mas seu pai lá nervoso. O doutor esteve aqui e disse que vai plantar cana...

—Eu encontrei com ele na estrada. Estava com o Paulinho, né? Passou que nem boi bravo, levantando um poeirento. O Paulinho— Marta disse indignada —nem me abanou a mão. E pensar que a gente já brincou tanto de casinha...

Marta deu uma garfada, pensou um pouco sobre o que a mãe acabara de dizer e perguntou:

—Mas por causa da cana nós temos que ir embora?

—Tá na escola, mas é burrinha... Mais burrinha que o jegue Torquato... —Altair reclamou, todo entendido. — Pois o tempo de brincar já acabou, menina. Eles vão alugar a fazenda para uma usina de cana. Derrubar toda a plantação e meter cana em cima...

—Mas a gente pode ficar, não pode?—Marta voltou a insistir.

—Pode não, menina. Vão plantar cana em tudo, até onde está a nossa casa, no curral velho lá embaixo, onde tem a horta. Em tudo...

—Então, o que o professor falou hoje na classe não é tão bom assim?

—E o que foi? —Pedro, que empurrara definitivamente o prato, sem fome, queria achar um motivo para dizer que estudar era mesmo besteira.

—Com o Proálcool, dentro em breve, não vamos precisar mais importar tanta gasolina. Da cana já estão tirando combustível pra abastecer boa parte da frota de veículos do país. . . —Marta repetiu tintim por tintim as palavras do professor.

—Que mais?—Altair quis saber.

—Ah, falou também que, assim, a gente vai pagar a dívida externa...

—Vai sim. Vai pagar muito. Vai é arruinar todo lavrador, isso sim...—Altair desconversou.

—O jeito, Zefa— Pedro retomou a conversa interrompida por Marta—, o jeito é a gente arrumar outra fazenda, ou então um sítio pra ir tocando...

Não arrumaram. Outras fazendas também estavam plantando cana, muitos colonos sendo despedidos.

3

DE TUDO FICA UM- POUCO, COMO DIRIA O POETA DRUMMOND. MESMO QUE SEJA UM BEIJO ROUBADO

—Tá tudo aí, Altair?—Pedro perguntou ao filho, que ajeitava a mudança em cima do caminhão.

—Acho que tá, pai...

—Então, vamos embora...

Entrando na boléia do caminhão, onde Zefa e Marta já se achavam, Pedro ordenou ao motorista:

—Pode tocar, seu Taíde.

Quando o caminhão, carregando a diminuta mudança da família, começou a ganhar a estradinha, abandonando a fazenda, Zefa tentou voltar-se para olhar a casa, o cafezal, o curral lá embaixo, a horta tão carinhosamente cultivada.

—Adianta não, Zefa. Dá mais tristeza, mulher! O melhor é olhar pra frente, sempre.

Olhar para frente. Marta sabia que o pai tinha razão. O que adiantava lembrar que ali ela nascera, ali crescera ali brincara de casinha com Paulinho, muito mais do que um amigo, um namoradinho de infância? Marta fechou os olhos, procurando imaginar o passado. E, no passado, Paulinho era gentil, tratando com precisão científica as doencinhas de suas bonecas, curando febres, dores-de-barriga, gripes e resfriados. De outras vezes, Paulinho era o maridinho ideal, carinhoso, trocando as fraldas das bonecas, ajudando Marta nos estafantes afazeres domésticos.

Marta jamais se esqueceria, por exemplo, do dia em que, brincando de casinha, Paulinho roubara-lhe um beijo, furtivo, apressado, apenas um roçar de lábios, mas um beijo de amor.

Lembrando-se disso, Marta sorriu, levando a mão à boca, abrindo os olhos. E, olhando à frente, Marta viu não o rostinho bonito de Paulinho e a carinha de desculpas que ele fez, mas o caminho terminando na rodovia, levando-os para longe de Paulinho, do Colegião, das amigas, de Carminha, para longe de Catanduva, com destino a Bebedouro.

O jeito era aquele mesmo: ir para Bebedouro. Já que em Catanduva estava difícil arrumar colocação, Pedro iria remediando, pelos lados de Bebedouro, cidade não muito distante, trabalhando na apanha da laranja, cuja safra estava no início.

Com o tempo, encontraria novamente um sítio para trabalhar a terra.

Enquanto isso não acontecia, a família de Marta foi morar na periferia da cidade; o pai e o irmão Altair trabalhando na colheita, como diaristas, os chamados bóias-frias.

Saindo de madrugada para o trabalho, os dois tomavam um caminhão que ia sempre lotado, ficando ocupados o dia todo. Hoje estavam aqui, amanhã ali, sem destino certo. Passavam o dia inteiro assim, só retornando à tardinha, suados e cansados.

—Vida mais besta essa!—Pedro sempre reclamava, ao sentar-se à mesa.

—Hoje eu tô mais moído que bagaço de laranja chupada... —Altair completava.

—Depois de velho, ter que largar a lavoura que eu mesmo plantei, pra virar bóia-fria, brigando por um lugar naquele quinhão lotado!

—Caminhão? O senhor chama aquele mercedão caindo aos pedaços de caminhão, pai?— Altair comentava, em tom de troça.

Para Marta, as coisas pioraram duplamente. Para quem estava acostumada a morar em fazenda, foi realmente difícil adaptar-se à nova situação. E isso mexeu com todos da família: seu pai ficara mais ranzinza, a precária saúde da mãe piorara, exigindo que Marta ficasse permanentemente com ela, tudo isso contribuindo para que acabasse perdendo o ano escolar.

4

MAS, PORÉM, CONTUDO, ENTRETANTO, A VIDA ESTÁ MESMO CHEIA DE CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS

No ano seguinte, Marta tanto insistiu com o pai que conseguiu voltar a estudar. É bem verdade que o estado da mãe, o maior empecilho, melhorara sensivelmente, o que possibilitou a volta aos estudos.

Marta matriculou-se novamente na oitava série, na EEPG Professor Madeira.

E lá estava ela, no meio de novos alunos e professores, estranha realidade, mas entre matérias conhecidas.

Tárcia, a professora de português, estava à lousa, dissecando um período composto por coordenação.

—Olhem cá, meus pupilos...

Os meninos olhavam e, entre eles, na terceira fileira, um par de olhinhos foi vigorosamente agitado por mãos que tentaram afugentar o sono.

—Marta— a professora chamou a dona dos olhinhos sonolentos—, você pode me dizer que oração é esta?—e Tárcia apontou algo escrita na lousa.

—Oração?—Marta assustou-se. Pega de surpresa, ela sentiu seu rosto queimar. Fosse de pelo clara como Tárcia, a classe toda saberia que estava enrubescida, sem jeito. Ainda bem que sua cor morena disfarçava bem o estado de insegurança.

Aliás, depois que ficou mocinha, era sempre assim. Sempre que alguém chamava o seu nome em público, ela perdia o jeito, ficando sem graça, encabulando, o sangue subindo às faces.

Ainda mais agora que, sonolenta e absorta, estava pensando na discussão que tivera com o pai.

Na noite anterior, Marta se aprontava para dar uma chegadinha à casa de uma amiga, quando o pai ordenou:

—Entra pra dentro, menina!— e, virando-se para a mulher, que assistia à novela das oito, completou: —Zefa, essa menina anda batendo muita perna na rua...

Marta esperava que a mãe concordasse com o seu procedimento. Mesmo porque a casa da amiga era ali mesmo, bem pertinho. Mas Zefa foi a favor do pai, deixando Marta revoltadíssima.

—Seu pai tem razão, Marta. Amanhã você vai ter que levantar de madrugada pra fazer a comida, que eu num tô boa. Minha coluna voltou a doer. Você precisa de dormir cedo...

—A senhora sempre lá do lado do pai, né, mãe?— Marta entrou, resmungando.

—Mas tá ficando respondona essa menina, Zefa! — Pedro comentou.—Até outro dia era comportada, educadinha, obediente. De uns tempos pra cá...

—De uns tempos pra cá, o senhor também tem pegado muito no meu pé. Até parece berne em bezerro novo... — Marta retrucou, indo chorar no quintal.

A casa onde moravam era pequena. Sempre que Marta brigava, ia para o quintal desabafar suas mágoas. A casa era tão pequena— dois quartos, um para os pais e outro para Altair—, que Marta tinha que dormir na sala. E este era mais um motivo para muita discussão.

—Eu não tenho nem onde ter minhas coisas nessa casa —Marta resmungava, pensando em ter seu quarto, sua cama, seu travesseiro para chorar sem testemunhas.

À noite, quando todos foram dormir, Marta demorou a pegar no sono. Ficou rolando no sofá estreito, nervosa como toda adolescente que se desentende com os pais.

Pela madrugada, mal conseguiu encontrar o sono perdido, acordou assustada, sendo chacoalhada por mãos fortes.

—Marta! Acorda, menina! Ainda não levantou? Eu e o Altair já estamos atrasados... Bem que sua mãe avisou que você tinha que fazer a comida, não tinha?

—Saco de vida! — Marta levantou-se, resmungando. Sonolenta, foi até a cozinha, sempre reclamando: —Por que o senhor não compra uma geladeira? Assim ninguém tem que ficar acordado na madrugada, que nem morcego, fazendo comida. . .

—Tá sonhando acordada, menina? Geladeira é coisa de rico. Só deu mesmo pra salvar a televisão. E isso porque sua mãe não fica sem as novelas lá dela. . . O resto tive que vender tudo. . .

—Tamos atrasados, pai?—Altair saiu de seu quarto, já vestido para o trabalho: calca surrada, camisa de manga comprida, chapelão na cabeça.

—É essa menina que não tem responsabilidade...

—Então não vai dar pra pegar a condução?—Altair perguntou, olhando o relógio-despertador, em cima da cristaleira. —Se a gente chegasse cedo no ponto, dava pra ir de kombi ...

—Eu sei, filho. O *gato* bem que tá sendo camarada. Mas atrasado do jeito que estamos...

Gato ou turmeiro, é preciso que se explique, é o nome dado ao empreiteiro que contrata os bóias-frias.

Quando a comida ficou pronta, os dois saíram resmungando, discutindo com Marta.

Marta não conseguiu dormir mais. Ficou sentada no sofá, chateada por seu pai não a entender.

Quando o sono veio, já estava na hora de ir para a escola.

Agora, porém, ali estava Tércia à sua frente.

—E, então, Marta, que oração é essa?

Marta continuava encabulada. Logicamente, sabia que a oração era uma coordenada adversativa; mas assim, de repente, não conseguiu lembrar.

—Com licença, dona Tércia—alguém apareceu à porta da classe, desviando a atenção da professora, para allviar Marta.

—Pois não, seu Pires!—a professora foi atender quem acabava de interromper a aula.

Pires era o inspetor de alunos do Professor Madeira. Demonstrando um certo nervosismo, ele chamou a professora. Olhando disfarçadamente para Marta, Pires e Tárzia ficaram sussurrando frases entrecortadas. Marta, sem saber o que falavam, morria de vergonha.

—Mas que desgraça, seu Pires! O senhor tem certeza? —Tárzia indagou, adquirindo o mesmo ar preocupado do inspetor, tão logo ele contou o motivo da interrupção da aula.

Pires confirmou com a cabeça, num gesto afirmativo.

—E quem vai dar a notícia a ela?—Tárzia titubeou, Procurando desfazer-se da espinhosa missão.

—Acho melhor a senhora deixar que o diretor conte a ela. Ele até mandou chamar a aluna.

—Está bem. Eu vou dispensá-la, então... —a professora segredou ao inspetor, enquanto virava-se para a classe.

Retomando uma tranqüilidade que não existia mais em suas palavras, ela ordenou.

—Marta!

—É uma coordenada adversativa, professora! —Marta respondeu, desincumbindo-se da pergunta feita ainda há pouco.

Tárzia, ouvindo a resposta, sorriu sem graça, sabendo que, diante do que Pires acabava de lhe contar, as coordenadas adversativas, para Marta, deixavam de ser matéria passada na lousa, para ser matéria incorporada, dolorosamente, à vida.

Intimamente, Tárzia até agradecia a Deus por não ser ela quem iria explicar a tragédia que acabava de acontecer.

—Por favor, Marta! Acompanhe seu Pires até a diretoria. Seu Lafaiete quer falar com você.

—Mas o que eu fiz de errado, dona Tárzia?—Marta voltou a sentir o rosto quente, o coração batendo disparado. —Só porque eu não respondi na hora. . .

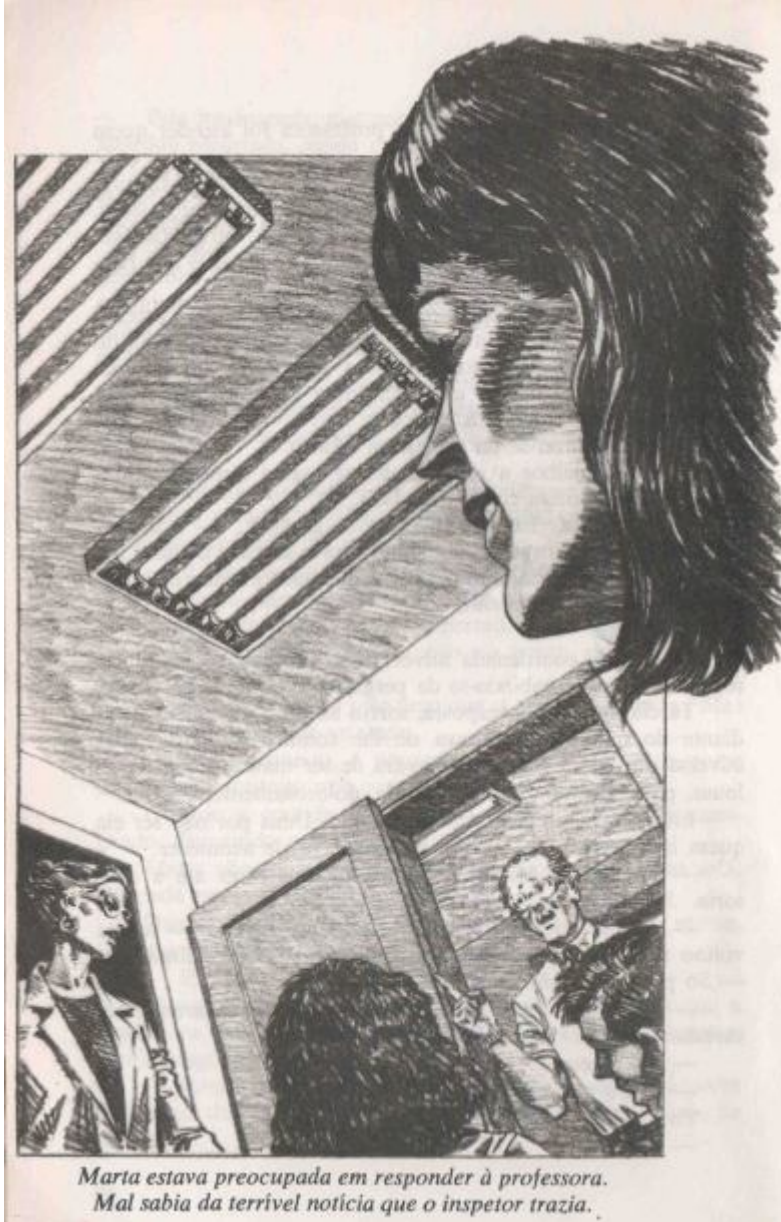
—Não é por isso não, Marta.—Tárzia, querendo ser carinhosa, sorriu da simplicidade da aluna.

—Não mesmo?

—Claro que não, Marta.

Pires adiantou-se.

—Vamos?



Tão logo Marta, muito timidamente, adentrou a sala, o diretor levantou-se, vindo ao seu encontro.

Lafaiete era um homem idoso, de cabelos brancos, um tipo bem paternal.

—Como vai a nossa nova aluna?—ele abriu seus braços, recebendo-a carinhosamente.

Não sabendo o que responder, Marta parou, temerosa. Afinal, para que o diretor a chamara?

—Marta— o homem prosseguiu, diante de seu mutismo, fazendo gestos para que se aproximasse. Indicando uma cadeira, ele continuou: Ainda não tive a oportunidade de conversar com você, como sempre faço com os alunos recém-chegados.

Marta sentou-se, ainda apreensiva, sem entender o porquê daquilo tudo.

- Vocês vieram de Catanduva, não?—o diretor procurava fazer com que Marta falasse alguma coisa.

Em vez disso, ela apenas assentiu com a cabeça.

—Bem, eu sei muito pouco sobre vocês. Sei que você é nova aqui na escola, que seu pai veio de Catanduva, que têm tido dificuldades... Na verdade... bem... na verdade... —o diretor começou a ficar reticente.—Na verdade, eu pensava mesmo em chamá-la para conversarmos... mas não agora... não para lhe dar uma notícia tão triste... tão...

—Notícia triste?—Marta indagou, falando pela primeira vez, os olhos inquietos.

—Seu Pires não falou para você pegar os materiais?— o diretor desconversou, ganhando tempo, vendo que Marta estava sem os cadernos.—Vá pegá-los. E diga à dona Tércia que eu autorizei. E depois, encontre-me na portaria...

Sem saber o que estava acontecendo, Marta voltou para a classe. Enquanto arrumava o material, todos permaneciam calados, sabendo que alguma coisa de muito grave havia acontecido. Marta sabia disso e voltou a sentir o sangue subir lhe as faces. Tércia autorizou sua saída e ela foi em direção à portaria.

—Vamos?—o diretor chamou-a, sorrindo, colocando o braço sobre seu ombro, paternal, tentando minorar o impacto da notícia que tinha para lhe dar.

—O que aconteceu, seu Lafaiete?—Marta conseguiu dizer, antes de entrar no carro.

—Um acontecimento muito chato, Marta.

—O quê?—Marta perguntou, ansiosa.

—Houve acidente com um caminhão de turma, perto de Pirangi e...



Marta não escutou mais nada. Maquinalmente, ela entrou no carro do diretor. Aquela frase "Houve acidente com um caminhão de turma" não lhe saiu mais da cabeça. Não queria escutar o resto do período composto, sabe-se lá se por coordenação ou subordinação, pronunciado por Lafaiete. Sabia que, em vez de orações coordenadas ou subordinadas, ela iria encontrar muita dor e sofrimento na continuação daquela notícia. Marta sabia, por experiência, o que é um acidente com caminhão de turma. Foi em um desses que ela perdeu tio Ezequias, irmão da mãe, padrinho de batismo do Altair.

—Quem morreu da minha família, seu Lafaiete? — Marta perguntou de chofre, interrompendo o diretor, que tentava ser carinhoso e delicado.

—Você precisa ser forte, Marta. A vida tem dessas surpresas desagradáveis.

—Quem morreu, seu Lafaiete?—ela cortou a construção da oração, incisiva.

—De sua família ninguém morreu, Marta. Altair, seu irmão, está gravemente ferido, mas...

—E meu pai? — Marta perguntou, sem demonstrar desespero.

—Ele está bem. Não se machucou. Até ajudou a recolher os feridos. Mas depois passou mal e foi internado em Monte Alto. Mas não corre perigo...

Marta mal escutava. Estava traumatizada, Parecia estar vivendo um pesadelo, um sonho ruim.

—Alguns feridos foram levados pra Santa Casa de Monte Alto; outros, pro Hospital Padre Albino, em Catanduva. Uns vieram aqui mesmo pra Bebedouro. Estou indo pra Santa Casa, onde seu irmão está internado. . .

Quando pararam em frente à Santa Casa, ela desceu do carro e era como se não sentisse as pernas. Caminhou em direção às escadas e estava indiferente.

A agitação era visível. Tão logo entraram na portaria, perceberam o clima tenso: mulheres desesperadas, à procura de informação, mães inconsoladas, filhos chorando a perda de pais.

Na sala de recepção, Marta divisou a mãe, sentada em um dos bancos.

Neste momento, ao ver um rosto conhecido, Marta descontrolou-se. Correndo, foi ao encontro da mãe.

Zefa, ao avistar a filha, estendeu os braços, abraçando-a com ternura, soluçando devagarzinho, sem pressa em declarar a sua dor. Pressa pra quê? A morte já não havia levado Ezequias, seu irmão, anos atrás? E Zefa chorava devagar, porque provavelmente não seria a última vez que choraria por alguém da família.

—Mãe, eu tô com medo... —Marta aninhou-se nos braços da mãe.

—Fica assim não. É preciso ter coragem, minha filha— Zefa consolou-a, demonstrando ser forte.

—Como está o Altair?

—Muito machucado. Quebrou as pernas e feriu muito o peito. A enfermeira falou que tão operando ele...

—E o pai, mãe? Cadê o pai? O diretor da escola disse que. . .

—O pai até ajudou a socorrer os peão. O mercedão quebrou o eixo, batendo na ponte do Córrego Grande e despencou na ribanceira. Pedro ajudou a socorrer muita gente, mas depois passou mal. O compade Mané, que também foi um dos poucos que não se machucou, disse que levaram ele pra Santa Casa de Monte Alto. Deram uns calmantes pra ele dormir. . .

As duas ficaram ali, sem saber o que fazer. Mas não havia mais nada a fazer, senão Castrar, esperar, esperar. . .

Horas depois, chegava a imprensa. Um repórter de um jornal de São Paulo entrevistava, na recepção da Santa Casa, um dos enfermeiros.

—Moço —dizia o enfermeiro—, nunca vi tanta gente gemendo junto, ao mesmo tempo. Mas o que mais me doeu e cortou o coração, foi o filho daquela mulher ali—e o enfermeiro apontou Zefa e Marta, sentadas no fim do corredor. —Eu trusse ele na ambulância. Quando a gente conseguiu tirar ele lá de baixo e chegou lá em cima, no barranco, botando ele na maca, o rapaz segurou no meu braço e gritava pra eu não deixar ele morrer, porque amanhã é seu aniversário...

—Dona Zefa— o repórter aproximou-se—, meu nome é Ricardo e sou jornalista. Disseram-me que o seu filho foi um dos acidentados...

—Foi sim, moço. Ele tá internado ai...—Zefa respondeu, distante, amparando e sendo amparada pela filha.

—O enfermeiro disse-me que amanhã é o aniversário dele. . .

—Minha nossa! Que dia é amanhã?—e, antes que o jornalista dissesse, ela continuou, saindo daquele estado hipnose fico: — Meu Deus, é mesmo, o aniversário do Altair é amanhã ...

Ficaram conversando. O repórter, anotando tudo, ia fazendo perguntas e Zefa ia recordando o passado tão presente. Não fazia muito tempo, ela estava sossegada na fazenda, tudo parecia tão calmo. De repente... De repente, o marido e o filho tiveram que deixar a vida calma da lavoura, para enfrentar o atribulado dia-a-dia de bóia-fria.

Quando o jornalista estava para se despedir, um médico aproximou-se.

Com uma entonação profissional na voz, ele perguntou, friamente:

—A senhora é a mãe do Altair Nascimento?

Zefa olhou para o médico e viu que ele trazia más notícias.

—Infelizmente, seu filho não resistiu à operação. Ele acaba de falecer.

Zefa, ao contrário de Marta, que começou a soluçar, não moveu um músculo da face. Apenas fechou os olhos, encostando a cabeça na parede. De seus olhos, duas lágrimas quentes e grossas rolaram pelo rosto enrugado.

Marta soluçava forte. É certo que não se dava bem com o Altair, mas naquele momento ela sofria pelo irmão.

Altair era o braço direito do pai, rapaz trabalhador e dedicado. Logo cedo, parara de estudar, mal completando a quarta série do primeiro grau, para ajudar o pai na lavoura. E Altair gostava de mexer com a terra, o que dava muita satisfação ao pai.

- Zefa— Pedro dizia, orgulhoso—, este meu filho puxou mesmo ao pai. Não enjeita serviço..

Lembrando-se disso tudo, Marta soluçava mais alto ainda. Como o pai, Altair era machão, sempre interferindo em suas amizades, invejando os estudos da irmã.

Mas agora—e Marta chorava—, ela sentia realmente a morte do irmão.

No dia seguinte, a reportagem assinada pelo jornalista Ricardo Kotscho estava estampada na primeira página da Folha de São Paulo, que corria de mão em mão. Nela, o dramático acidente, que ferira mortalmente vinte bóias-frias, falava do drama das vítimas e de suas famílias, e também do desespero de um deles, que não queria morrer porque um dia depois, aquele dia, era seu aniversário.

E, no mesmo momento, ali em Bebedouro, esse bóia-fria acabava de ser enterrado.

6

SUSPENDE O SUCO DE LARANJA! SAI UM CHOPE GELADO!

Zefa— Pedro comunicou, depois de alguns meses, quando as coisas começaram a entrar nos eixos—, a gente precisa mudar daqui. Não tenho mais motivo pra continuar nessa vida de apanhador de laranja, vendo as mesmas cenas, sentindo falta dos peão que morreram, passando pelo lugar onde aconteceu aquela desgraceira...

—Eu também sinto isso, Pedro.

—A tragédia não me sai da cabeça: o mercedão despencando na ribanceira, o povão prensado debaixo da carroceria, a gritaria de desespero...

Pedro interrompeu o que dizia, tentando dominar-se. Se continuasse, choraria como criança.

—Calma, Pedro. O que resta pra nós é confiar em Deus...

—Parece que eu te sempre escutando os gritos do Altair, Zefa. É só eu pegar estrada, vai me dando uma angústia, uma aflição doida...

—O que nós vamos fazer, então, Pedro?—Zefa, submissa como sempre, esperava ordens a serem acatadas.

—Sei não, Zefa. Sei que não dá mais continuar sentindo o cheiro melado e gosmento da laranja. Esse cheiro me traz lombranças tristes, muito tristes...

—Se eu tivesse saúde pra trabalhar, a gente podia...

—Mas o que a senhora faz aqui em casa, mãe?—Marta, que ia para a cozinha, com os cadernos na mão, interrompeu a conversa.

- Eu digo trabalhar mesmo, pegar no pesado, produzindo...

- E a senhora não produz?—Marta voltou à carga.— Se colocasse no lápis o preço da roupa que lava e passa, o preço de uma faxineira, ficaria muito mais caro, daria muito mais do que o pai ganha por aí.

—Pronto, mais essa agora—Pedro se ofendeu.—É isso que dá muito estudo, tá vendo, Zefa? Estudo dá nisso, ficar falando asneiras sem parar...

Marta, não querendo discutir, continuou seu caminho até à cozinha. De lá, ficou escutando o que os pais diziam.

—E se a gente fosse pra outra cidade, então?—Zefa propôs, tentando achar uma saída para o problema.

—Já pensei nisso, mulher. Ir pra Ribeirão Preto...

—Ribeirão? Uma cidade tão grande... —Zefa espantou-se.—Fazer o que lá, criatura?

Ribeirão Preto seria solução? Pedro sabia que não. Mas como resolver? Sentia que não dava mais para ficar por ali, olhando aqueles rostos conhecidos, sobreviventes de outros

desastres, até quando? Qual o próximo caminhão desgovernado, capotamento, acidente? O jeito era procurar outra maneira de viver; mesmo sabendo que seria difícil.

Marta, ao ouvir a proposta de mudarem-se para Ribeirão, quis participar novamente da conversa.

—Nós vamos pra Ribeirão, pai?—ela perguntou, aparecendo na porta da sala, sorriso nos lábios, demonstrando que concordava plenamente com a mudança.

O pai não respondeu. Estava procurando resposta para a pergunta da mulher.

—Fazer o que lá, criatura?—Zefa tornou a perguntar, enquanto Marta voltava para a cozinha, chateada por não lhe darem atenção.

—Sei lá —Pedro tentava achar o que dizer—, eu posso arrumar uma colocação decente... um emprego... um emprego na Antártica...

Zefa fez uma careta de reprovação. Pedro não tinha jeito para lidar com engradados e garrafas de cerveja o dia inteiro.

Pedro agarrou-se a essa idéia:

—Sim, senhora, por que não? Pois um dos meus sobrinhos não trabalha lá?

- Que sobrinho, Pedro?

—O Cláudio, não lembra? O Cláudio, filho da minha mana Maria...

—Pedro, você esquece que sua irma mora lá faz tempão, e que eles...

—Então, por meio deles eu posso arrumar alguma coisa lá na Antártica...

—Mas eles são gente de cidade grande, acostumados com aquele monte de prédios, com aquela vida corrida, Pedro. Você não.

—Mas a gente acostuma, Zefa— Pedro, interrompendo a mulher, ainda tentou manter sua idéia.

Marta, voltando à cozinha, continuou a fazer sua lição, uma redação para o dia seguinte. E o título vinha mesmo a calhar: *O que espero do futuro?*

Marta esperava muito. Esperava ir para uma cidade grande como Ribeirão, esperava... Na verdade, ela já se imaginava lá, andando pelas ruas, levando uma vida bem diferente da que sempre tivera na roça.

E ela começou a sonhar acordada, pensando estar em um colégio puxado, pois queria cursar Medicina.

—De onde você veio, Marta?—alguém, nos seus pensamentos, perguntou-lhe.

—Vim de Bebedouro. Papai mexia com laranja e...

—Pô, então vocês estão com tudo. Com a geada que deu na Flórida, nos Estados Unidos, o preço da laranja foi lá pra cima.. .

—Bem, mas não foi tanto assim...—Marta respondeu evasivamente, não querendo desmentir, contar a verdade, que seu pai não é o dono das laranjas, mas quem as apanha.

—Paulão, vem cá —o rapaz com quem Marta estava conversando chamou um amigo.— Eu quero apresentar uma amiga.

—Oi, broto, como vai?

—Mas você... —e Marta parou até de respirar, tão surpresa estava.—Você! Eu conheço você, não conheço?

—Marta!?—Paulão olhou bem em seus olhos.

—Paulinho, mas que bom encontrá-lo...

E os dois— Marta e Paulinho, seu amiguinho de infância, namoradinho dos tempos de meninota—abraçaram-se longamente.

Bruscamente, porém, os pensamentos de Marta foram interrompidos.

—Marta, o que você está fazendo abraçada ao vaso?— Zefa, entrando na cozinha, estranhou a atitude da filha— Você já fez o café que o pai pediu?

—Café?—Marta voltou à realidade, largando o Paulinho... quer dizer, o vaso.

—Ele pediu três vezes, filha!

—Não escutei não, mãe!—Marta desculpou-se.—Eu estou tão concentrada na minha redação que...

—Concentrada? Abraçada no vaso, criatura! —Zela resmungou, indo dar conta de fazer o café, para que o incidente não virasse motivo de uma discussão sem fim.

Olhando para a folha em branco, Marta voltou à realidade. Sorriu, ao perceber que estivera sonhando acordada.

—Tá no mundo da lua, filha!—Zefa brincou, compreendendo que Marta ainda estava na idade de querer uma vida diferente da deles, de pensar no príncipe encantado das histórias de fada.

—Mãe, eu estava pensando em Ribeirão, em estudar num colégio bom, em encontrar o Paulinho, em...

—Ih, minha filha, desiste dessas coisas. Isso tudo é muito impossível...

—Será, mãe?—Marta voltava a ficar pensativa, certa de que as coisas iriam mudar.

7

SUSPENDE O CHORE SAI UM CALDO DE CANA!

Por aqueles dias, Pedro procurou um velho companheiro para desabafar. Foi até a casa de compadre Mané, padrinho de Marta, e também um dos acidentados do desastre do Córrego Grande. Ele também era da mesma opinião de Pedro; não dava para continuar em Bebedouro.

—Eu pensei em ir para Ribeirão Preto, arrumar um lugar na Antártica, onde um dos meus sobrinhos...

—Não adianta, compade. Sempre vivemos na terra, na vida do campo. Cidade grande não presta pra quem esteve todo o tempo no mato, compade...

—O compade tem razão— Pedro aceitava do companheiro as idéias que não acatara da mulher.

—Aqui ou em outra cidade pequena, ainda dá pra se ter uma criação no quintal, uma horta... Lá em Ribeirão não tem mais isso... É tudo na base do dinheiro...

—É verdade, compade Mané. Ainda me lembro que, quando eu estive na casa da minha mana, eles pagavam um dinheirão por um pé de alface, um negócio que era até desfeita cobrar dos vizinhos, quando eu tocava plantaço...

—É verdade, compade...

—Mas ir pra onde, compade Mané?—Pedro não achava uma saída.

—A safra da cana está pra começar, compade. No meu modo de ver as coisas, cortar pé de cana é até um serviço mais pesado e mais sujo que apanhar laranja, mas pelo menos a gente esquece um pouco das tristezas da vida. ...

—Esquece ou arruma outras... —Pedro completou, o pensamento distante.

—Mas pra peão que nem a gente não tem saída, compade. Quem sempre viveu no mato, trabalhou na terra, arando roça dos outros, tem é que continuar... Então, vamos cortar cana, compade?

—Adonde, Mané?

—Tô de mudança pra Guariba...

—Guariba, lá perto de Jaboticabal?

—Uns par de légua pra lá...

Pedro coçou o rosto vincado de rugas, procurando tomar uma decisão que sabia ser difícil.

—Eu conversei com um gato de lá, compade. Ele me disse que Guariba é cidade pequena, menor que Bebedouro. Lã, a vida é mais barata. E depois...

—Mané—Pedro interrompeu—, gato mente muito. Pelo seu jeito tão entusiasmado, até parece que o gato e o fazendeiro vão registrar em carteira, pagar os direitos todos, como eles deveriam contratar todo trabalhador rural.

—Não espero isso não, compade. Sei que tem usina e fazenda que registra em carteira, mas são poucas. E depois, a mudança não é tanto pra ir atrás de melhoria de vida...

—Sei—Pedro confirmou, pensativo—, é mais para espairecer os pensamentos.

—Então, compade Pedro. Eu já to de partida.

Quando Pedro, finalmente, também resolveu também ir para Guariba, o mundo de Marta desabou por completo.

—Pra onde o senhor disse que a gente vai, pai? -ela perguntou, irritadíssima com a novidade.

—Pra Guariba, menina.

—Guariba?—e Marta fez cara de quem desconhecia por completo onde ficava essa cidade.—Mas nós não íamos pra Ribeirão Preto? O senhor não ia trabalhar na Antártica? —Marta estava transtornada.

—Era só um pensamento, menina. Mas não tenho jeito pra cidade grande. Lá eu ia viver fechado entre quatro paredes, carregando engradado de cerveja, aquela zoeira na cabeça da gente...

Marta sentia que todos os seus planos estavam desmoronando. Então... não iriam para Ribeirão, ela não iria cursar um segundo grau forte, encontrar-se com Paulinho, perder o jeito de caipira, de menina de roça...

As palavras de seu pai eram terríveis demais. Quando percebeu que não adiantava discutir, pois o assunto estava encerrado, Marta transformou seu desconsolo em raiva.

—Mãe, a senhora ouviu o que o pai disse?—ela queria certificar-se de que era verdade o que escutara.

Como a mãe abaixasse a cabeça, sabendo da explosão da filha, Marta voltou a dirigir-se ao pai:

—Mas que mudança é essa, pai? Não tá tão bom aqui? Pra que ficar mudando que nem cigano, se enfiar numa cidade menor que essa? A gente estava sossegado em Catanduva. Tá certo que o senhor foi mandado embora da fazenda. Aí, toca a mudar pra Bebedouro. Se a gente fosse pra Ribeirão, tudo bem. Estaríamos indo para uma cidade melhor. Mas ir pra Guariba!

—Olha aqui, menina!—Pedro explodiu também.—Eu não fico mudando pra fazer gracinha pra ninguém... Se estamos mudando é por...

Pedro ia dizer “culpa sua”, mas emendou:

-precisão...

-Mas indo pra Guariba a gente vai se enfiar de novo no mato, pai!

-E é desfeita trabalhar na roca, é? É desfeita pegar no cabo da enxada ou do podão?

Marta não retrucou mais. Sabia que seu pai começava a se enfezar e isso era ruim. Se ela insistisse, acabaria sobrando para ela. O jeito era contentar-se com o infortúnio. Limitou-se perguntar:

—E onde é que fica Guariba?

—Perto de Jaboticabal...

8

MAS NESTA CASA QUEM DECIDE TUDO É O PAI?

Guariba, onde Pedro e sua família foram morar, é uma cidade pequena, sem muitas oportunidades. Sua população vive quase que exclusivamente do plantio e do corte da cana-de-açúcar.

Naquela época do ano, início da safra, Guariba estava acostumada a receber muitos trabalhadores de fora. Pedro era apenas mais um dos quase doze mil bóias-frias que acorrem cidade, à procura de emprego no corte de cana.

Com o dinheiro que ainda restava, Pedro conseguiu alugar uma casa bem simples, no bairro João de Barro, onde mora a maioria dos bóias-frias.

A casa não era lá essas coisas, mas dava para ir remediando até conseguirem acomodação melhor.

—Mãe, amanhã eu vou ver se me matriculo na escola aqui do bairro... —Marta declarou, tão logo se instalaram.

—Você precisa é arrumar uma colocação de doméstica, menina—Pedro interferiu.

—Eu preciso é estudar, pai. Já sou repetente da oitava. Se não estudar este ano, não termino o primeiro grau. Sem estudo, a gente não consegue muita coisa na vida...

No dia seguinte, Marta foi até a escola. Na secretaria, sabendo que não seria muito fácil matricular-se fora do prazo, ela explicou o seu problema. Mesmo assim, a secretária estava irredutível. Então Marta, usando sua simpatia, suplicou:

—Mas eu não posso ficar mais um ano parada, com os estudos pela metade, dona ..

Vendo o jeito desembaraçado de Marta explicar-se, e sua vontade de estudar, a secretária interessou-se pelo seu caso.

—O que complica é que você está muito fora do prazo de matrícula. Mas vou ver o que eu posso fazer...

Marta, sentindo que a secretária simpatizara com a sua causa, foi clara:

—Por favor, dona. Eu preciso estudar. Com essa andação toda do meu pai, com a morte do meu irmão, como eu expliquei, acabo não terminando o primeiro grau...

—Faz o seguinte, mocinha. Entre aqui que eu vou levá-la ao diretor...—a secretária levantou-se para abrir a portinhola que dava acesso à sala.

O diretor foi muito solícito. Depois de examinar todos os documentos de Marta, ele resolveu:

—Você começa a assistir às aulas. Se você conseguir acompanhar as matérias, eu dou um jeito com a matrícula. Aí você faz as provas e acerta o problema das notas...

—Mas é claro, senhor diretor. Não vou ter dificuldades. Eu vou acompanhar as matérias, o senhor vai ver. Alias, as matérias da oitava série já conheço quase todas. Em Bebedouro, só tirava boas notas. E o que os alunos estão vendo agora, eu já estudei...

O diretor gostou do jeito de Marta se expressar. Mas, com delicadeza, disse-lhe:

-Só há um problema...

—Qual?

—De manhã não temos mais nenhuma vaga. Tem que ser à noite...

—À noite?—Marta surpreendeu-se. Aquela notícia era como um balde de água fria em seu entusiasmo.

—Você começa à noite. Se houver vaga de manhã, fica fácil transferir...

Marta saiu desanimada da escola. Teria que enfrentar seu pai. Ela o conhecia suficientemente para saber que ele não permitiria. Só o fato de Marta estudar já era visto como concessão, como um favor. Por ele, Marta já estava trabalhando em casa de família. O que ainda a segurava em casa era o problema de saúde da mãe.

—Mãe, a senhora precisa me ajudar. Eu não posso perder mais um ano de estudo.

—Seu pai não vai deixar, Marta.

—Mas que história é essa dele deixar ou não? Nessa casa quem decide tudo é o pai?—Marta desabafou, inconformada. —A senhora já notou que nós não temos voz para nada? Tudo é ele quem decide, dá ordens, faz e desfaz?

—Você sabe que é assim, Marta...

—Mas não deveria ser. Eu tenho que estudar, oras! E só tem vaga à noite. . .

—Eu vou tentar, filha. Mas vai ser difícil.

9

MARTA SERIA MESMO A CULPADA?

À noite, na hora do jantar, o pai, como era de se esperar, não concordou:

—Nada disso, menina. Filha minha não fica zanzando à noite por aí...

—Mas que zanzando por aí, pai? A escola fica aqui pertinho... E depois, eu preciso estudar.

-Precisa nada. Estudar é besteira...

—Como besteira!?

_ É sim, menina. Você precisa é começar a trabalhar em casa de família, aprender um ofício de faxineira, de arrumadeira, essas coisas...

-E os meus estudos?

—Fica sonhando com estudo, com muita palavra na cabeça e acaba ficando como o filho do compade Mané, que birutou de vez e está internado lá no Santa Tereza, aquele hospital de doidos em Ribeirão.

Marta viu que a conversa ficaria interminável. Resolveu ser dura e impor sua vontade, enfrentando o pai.

—Pare de me chamar de menina, pai. Eu já sou moça. E é por isso que eu preciso estudar. Não quero ficar que nem a mãe, que vive amargurada pelos cantos...

—Que é isso, Marta?—Zefa, até aquela hora calda, interferiu.

—É isso mesmo, mãe. Não quero ficar que nem a senhora. Aqui em casa sempre se pensou em trabalhar, trabalhar, trabalhar. O senhor tirou o Altair cedo da escola, dizendo que o trabalho dignifica e enobrece o homem. E onde é que o Altair, que era tão trabalhador, está?

Ao ouvir o nome do filho ser pronunciado de maneira tão irreverente por Marta, Pedro ordenou, entre dentes.

—Cale essa boca, menina. Vê se respeita a memória de seu mano. . .

—Não calo não, pai. É isso mesmo o que estou dizendo...

Marta não conseguiu terminar a frase. Levantando o braço, com a mão espalmada, Pedro deu-lhe uma bofetada no rosto. E com tanta força que derrubou Marta da cadeira.

—Pois fique sabendo que você é a única culpada pela... —Pedro ficou reticente, sem terminar, com a frase entalada na garganta. Engoliu seco, antes de resumir, em voz baixa, só para si, tudo o que vinha guardando há tempos:—Eu sei bem quem é a única culpada...



Sem conseguir conter a revolta, seu Pedro descarregou em Marta todo o seu descontentamento.

Antes de ganhar a rua ele ainda disse, em voz alta:

—Não sei por que Deus fez isso comigo. Levar o Altair, meu filho, e deixar uma inútil dessas...

Marta ficou um bom tempo estendida no chão da cozinha, sem se levantar, roendo o ódio.

Mais do que a bofetada, doía-lhe a acusação que o pai fizera, entrecortada, sem saber do que estava sendo acusada.

Zefa, então, aproximou-se dela.

—Vamos, Marta. Levanta. Deixa eu ver se machucou. . .

—Não é o rosto que tá doendo, mãe. É aqui dentro...

—Onde, Marta?—a mãe perguntou, tentando conferir, não entendendo que apontava o peito querendo dizer outra coisa.

—É a minha alma que está dolorida, mãe! —Marta explicou.

—Você também abusou do direito de ofender, né, filha? —Zefa passou-lhe um pequeno sermão, com medo que Marta perguntasse sobre o que o pai a acusava.—Sabe como seu pai fica quando você fala no Altair...

—Mas por que ele disse que eu sou culpada, mãe?— Marta perguntou.—Ele não tinha o direito de...

—Ele é o chefe da casa, Marta. E o chefe da casa tem todo o direito, toda a autoridade de fazer e desfazer...—Zefa cortou, ríspida.

—Que é isso, mãe? Então a senhora tá do lado dele? —Marta sentou-se no chão, enquanto a mãe observava seu rosto inchado.

—Não estou, filha. Mas eu e ele somos do tempo antigo, em que os pais não perguntavam nada pros filhos, nem com quem eles queriam casar. Já apareciam com o noivo no dia do casamento. A gente só tinha o trabalho de botar o vestido e acompanhar o esposo pra igreja...

—Mas isso não existe mais, mãe! Isso é coisa de antigamente. . .

—Mas eu e o Pedro somos de antigamente, Marta. É isso que você não entende, filha. Esse negócio de você estudar, por exemplo. Só eu sei que sacrifício é ficar aguentando seu pai enchendo as paciência porque você estuda. Agora, então, com essa novidade de estudar de noite, não sei não...

—Mas a senhora não me respondeu o que eu perguntei, mãe. Por que o pai disse aquilo?

—Aquilo o quê?—Zefa desconversou.

—Isso de que sou culpada de não sei o quê...

—Não liga não, filha. Ele estava nervoso...

—Não, mãe. Parece até que ele vinha guardando isso faz tempo...

—Bem, Marta. Acho que não adianta mesmo ficar escondendo isso. É melhor contar logo. Seu pai culpa você da morte do Altair.

—Da morte do Altair, eu?—Marta arregalou os olhos, deixando de sentir dor no rosto, surpresa.

—E...—Zefa ficou com medo de continuar, diante do espanto da filha, mas já era tarde para se arrepender.

—Mas o que eu tenho com isso, mãe?

—Calma, filha. É preciso ter muita calma...

—Como calma, mãe?—Marta levantou-se do chão.

—Fica sentada, Marta. Não adianta ficar nervosa...

Marta sentou-se no sofá, deixando o rosto pender sobre as mãos. A mãe continuou:

—Eu sei que você não tem culpa e o seu pai também nunca disse assim com todas as palavras que você é a culpada, mas...

—Mas?—Marta insistia

—Mas eu sei que ele pensa assim...—Zefa tentava ser prática, sabendo que isso iria magoar muito sua filha.—Você está lembrada do dia do acidente?

—Eu estava na escola, na aula, quando seu Pires, o inspetor de alunos, veio me chamar. Fui com ele para a diretoria e sai com o seu Lafaiete de carro até o hospital. . .

—Não. Antes disso...

—Antes?—e Marta fez um trejeito de quem está querendo lembrar-se de detalhes já esquecidos.—Eu estava em casa. E lembro que o pai me acordou na madrugada pra aprontar a comida...

—E você lembra que acordou atrasada pra fazer a comida?

—Acordei, sim. Até o pai deu bronca porque eles perderiam a kombi tendo que pegar o mercedão...

-Justamente o mercedão que acabou trombando...

—Quer dizer então... então...

—Você é inteligente pra saber que é por isso, Marta.

—Agora eu começo a entender tudo —Marta indignou-se.—Eu, atrasando a comida, fiz com que eles tomassem o caminhão que se acidentou e que matou o . . .

—Seu pai nunca disse isso assim, com todas as palavras, de boca pra fora, mas eu conheço o marido que tenho...

—Mas que absurdo, mãe!

—Eu sei, filha. É mesmo uma loucura...

Marta levantou-se, sem dizer nada. Estava lívida, pálida, transtornada. De repente, no entanto, mostrou-se estranhamente calma. Sua mãe, preocupada com a súbita e aparente mudança da filha, ficou assustada.

—O que você vai fazer, filha?

—Sei não, mãe. Sei não...

—Você tá muito estranha, Marta. Promete uma coisa...

—O quê, mãe?

—Que você não vai aprontar nenhuma besteira...

—Vou não, mãe. Vou não...—Marta olhava a mãe com um olhar distante, perdido.

UMA PROFESSORA DESCOMPLICADA

Apesar da opinião em contrário do velho Pedro, Marta tanto fez e discutiu, que começou a estudar à noite.

No primeiro dia, chegou meio ressabiada, sem conhecer ninguém. Entrou e ficou sozinha no pátio, enquanto o sinal não tocava.

—Oi, você é aluna nova aqui na escola?

Marta virou-se e deparou com um rapaz, o dono da pergunta.

—Você está começando hoje?—em insistiu.

—Sim...eu...eu... eu vim de Bebedouro e...

—Você está em que série?

—Na oitava—Marta respondeu, tímida.

—Oitava? Que legal, então você está na minha classe... Muito prazer!—o rapaz estendeu a mão, em cumprimento. —Meu nome é Sebastião, mas o pessoal só me conhece por Tião. Tião da farmácia...

—Tião da farmácia? É seu sobrenome?—Marta achou graça do nome.

—Não, lógico que não— o garoto respondeu, sem achar ruim.—É que eu trabalho em uma e fiquei com esse apelido. E você, como é seu nome?

—Marta Nascimento—ela respondeu e, sentindo-se à vontade, continuou: —Eu vim de Bebedouro. Foi meio difícil arrumar vaga, porque já está fora do prazo, mas eu vou fazer umas provas pra ficar com média no bimestre... Acho que vai dar certo. Eu tenho boa base em português e matemática. E depois, à noite sempre é mais fácil que durante o dia...

—Isso é, a grande maioria trabalha de dia. Em serviço pesado. O povão todo corta cana para ajudar a completar o salário da família...

Conversando com Tião, Marta pôde comprovar que estava mais adiantada. Já estudara até as subordinadas, e eles nem tinham começado as coordenadas.

Logo depois, na sala de aula, Tião fez questão de, todo faceiro, lembrar à professora a presença de Marta. Apontando, ele disse:

—Dona Tânia, nós temos aluna nova...

Marta sentiu o sangue subir às faces. Ficou sem graça por ser praticamente "denunciada" pelo novo amigo.

—Ah, você é que é a Marta, não?—Tânia Figaro, a professora, perguntou.—O diretor falou muito bem de você. . .

—Sou sim, dona.

—Por favor. Eu me chamo Tânia. Fica menos formal, não?

Ficava, lógico. Não só ficava menos formal, como mais simpático.

—Bem, pessoal. Eu gostaria que vocês anotassem o nome de alguns livros. Nós vamos começar a ler *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, anotem aí. Anotem também *Pai-de-todos*, de Ganimedes José e *A cara engraçada do medo*, de Murilo Carvalho.

—Cara o quê?—Tião perguntou, todo mundo achando graça do nome do livro.

Tânia repetiu o nome, enquanto boa parte da classe reclamava que era muita coisa.

—Vocês são apressados, não? Nem me esperaram terminar?—Tânia pediu silêncio.—É um livro para cada bimestre. Se der tempo, nós leremos outros. Mas estes três já dão para começarmos.

—E quando nós vamos fazer prova?—Marta quis saber.

—Não vamos fazer prova, Marta.

—Não? Ainda bem—novos suspiros de alívio entre os alunos.

—Mas então...—Marta ficou meio no ar.

—Em vez de prova, Marta, nós vamos discutir os livros, vamos propor maneiras mais criativas de abordar a leitura, entende? Vamos fazer uma porção de atividades.

—Por exemplo...—um dos alunos solicitou.

—Em vez de provas, faremos seminários, peças de teatro, cartazes, jornal mural...

—Legal isso aí, Tânia! —Tião estava mesmo muito saidinho.

—Todos estes livros, vocês vão perceber com as leituras, abordam problemas de trabalhadores rurais— Tânia explicava, muito didática em sua exposição.—É a nossa realidade, aqui de Guariba. É certo que eles têm diferenças, como veremos, mas a temática é a mesma.

Marta gostou da professora. Gostou mesmo: simpática, dinâmica, amiga, confiável.

—Você veio de onde, Marta?— Tânia chamou-a à mesa, assim que o sinal bateu e todos começaram a sair.

—De Bebedouro.

—Você nasceu lá?—a professora puxou conversa.

—Não, eu nasci perto de Catanduva, em uma fazenda. Faz pouco tempo que eu estava em Bebedouro.

—Então fale-me de você, Marta. De você, da sua família; enfim, conte-me a sua história.

—Bem, meu pai tocava uma fazenda em Catanduva - Marta, sentindo confiança na professora, começou a relatar suas andanças. Quando terminou, a professora continuava amigável.

—Sabe como se chama isso, Marta?

—Isso o quê?

—Essas andanças todas de vocês? Essa fuga da roça para a cidade?

—Tem nome?

—Lógico que tem. Chama-se êxodo rural, fenômeno que começou com o declínio das fazendas de café e que continua até hoje. Para os fazendeiros, ficou mais fácil contratar diaristas do que ter o colono na fazenda...

—Como você sabe tudo isso, Tânia?—Marta perguntou, surpresa, para logo depois desculpar-se.—Mas é claro que você sabe, pois é professora...

Tânia sorriu, antes de continuar:

—Nada disso, Marta. Eu sei através dos livros. É lendo que você vai entendendo o mundo à sua volta.

As duas riram da maneira espontânea como Marta disse aquilo.

Realmente, a professora era muito simpática. Falava fácil, num tom amigável, sem se manter distante, longínqua.

—Posso lhe dizer uma coisa, Tânia?

—Pode, claro!

—Você é uma professora bem descomplicada. . .

As duas voltaram a rir, sabendo que seriam mais amigas do que simplesmente aluna e professora.

11

SANGUE DO MESMO SANGUE

Se na escola tudo caminhava muito bem, a situação em casa desandava. Marta e o pai já não se davam; depois da bofetada, a coisa piorou bastante.

Outro fator que contribuía para que isto ocorresse, era a instabilidade do emprego do pai.

Se, antes, Pedro era como que patrão nas terras de Catanduva, ali, em Guariba, não era nem trabalhador rural. Menos que isso, era volante, diarista, sem direito trabalhista algum. Um bóia-fria.

E, como todo bóia-fria, Pedro também era explorado pelo turmeiro, o gato.

—Esse gato, o tal de Mendonça, vive explorando a gente, Zefa— Pedro desabafou, no dia do pagamento.—Eu me mato que nem um condenado pra aumentar a produção e, no fim da semana, recebo essa ninharia...

Sentado à mesa, pois o jantar já estava servido, Pedro continuou:

—A usina paga pra ele, que rouba da gente...

—É por isso mesmo que chamam eles de gato, Pedro. São espertos, manhosos, rápidos como eles...

—Tá tudo errado, Zefa. A gente já começa devendo. Pois ele teve o descaramento de cobrar as ferramentas. Logo de cara, tivemos que comprar o podão, as limas, as enxadas, tudo lá no armazém do Pimenta. Se comprasse em outro, ele não deixava subir

no caminhão. E olha que tava tudo mais caro que nos outros lugares. Então, a gente já começou devendo...

—Mas você não reclamou?

—Reclamar pra quem?

—Pros usineiros, fazendeiros, sei lá.

—Eles não querem nem saber. Não tomam conhecimento dessas coisas, Zefa. Se a gente for reclamar, como o compade Mané fez, eles dizem que não tem nada com isso, que nós somos empregados é do gato, que o nosso entendimento é com ele...

—Mas que desaforo!

—E tem mais, Zefa— Pedro continuou—, a gente se mata cortando toneladas e toneladas de cana a semana inteira e nem fica sabendo direito o quanto cortou. Chega no sábado, é esta miséria. . .

—Calma, Pedro — Zefa pediu, vendo que o marido estava ficando nervoso.—O jeito é se conformar...

—É o jeito. Se reclamar, na segunda-feira ele não deixa subir no caminhão. Ai, o negócio é procurar outro gato...

Ao levar o garfo à boca, Pedro lembrou-se, de repente, de Marta.

—Cadê a menina, Zefa?

—Tá no quarto, arrumando-se. . .

—Pra quê?

—Não sei. Acho que ela vai dar uma saída com a Maria, a vizinha —Zefa falava de maneira a evitar discussão, porque sabia que Marta iria sair, o que provocaria a ira do pai.

—Pois se você acha, Zefa, eu tenho certeza que ela não vai sair não...

Marta, tendo ouvido a conversa, chegou à cozinha com ar decidido:

—Mãe, tô saindo, viu?

—Tá não, menina! Pode ficar por aqui mesmo. Filha minha não vai ficar andando na pracinha, com esse monte de bóia-fria vagando pelos bares da cidade, a maioria bêbada.

Pedro falou de maneira tão firme que teimar seria iniciar uma discussão inútil.

Pedro— Zefa concordaria—não deixava de ter razão. De dia, durante a semana, Guariba, como toda cidade canavieira da região, estava vazia. Todo mundo estava nos canaviais, cortando cana. À tardinha, no entanto, os caminhões começavam a chegar, carvão, por causa das palhas queimadas das canas.

Despejados na porta dos armazéns, muitos já ficavam ali mesmo, calibrando uma dose a mais, já que sábado é dia de acerto de contas, todo mundo com dinheiro.

Não adiantaria discutir. Seria pior. Marta engoliu a raiva e foi deitar-se no sofá. Assim, ela não saía, mas também ninguém ligava o televisor.

Na madrugada seguinte, embora fosse domingo, Pedro iria cortar cana.

—Até de domingo, criatura?—Zefa reclamou, ainda na cama.

—O gato quer acabar logo com o serviço que a gente começou. Semana que vem nós vamos começar a cortar em outro lugar. E se eu não vou, já fico marcado, sabe como são essas coisas. Depois, é preciso aproveitar a safra enquanto ela está na metade...

Pedro tinha razão. Quando a safra terminasse, não haveria serviço para tantos bóias-frias.

Por isso, Pedro acordou ainda com o escuro da madrugada. E, quando Zefa finalmente resolveu levantar-se para preparar a comida, Pedro procurava sua roupa de serviço.

Foi encontrar as calças sujas, sem lavar.

—Tá vendo, Zefa—ele resmungou—, a menina diz que só ela é quem trabalha nessa casa e nem as minhas calças lavou. Você sabe como eu tenho birra de ir com roupa suja. Se eu voltar de lá mais preto que carvão, tudo bem. Mas subir no caminhão todo sujo, eu não gosto...

—Fala baixo, Pedro. Vai acordar a coitada...

—Coitada? Você tem coragem de chamar essa vagabunda de coitada? É bom mesmo ela ouvir umas verdades. Você anda criando essa menina muito errado, Zefa. Ela já não obedece mais. Faz o que quer, o que bem entende. Continua o mesmo traste, a mesma inútil de sempre. Se não fosse a sua doença, ela já estava empregada em casa de família,

aprendendo quanto custa ganhar a vida... Aliás, você sabe que ela é a culpada de você ter perdido a saúde...

—Fica quieto, criatura! Não precisa jogar isso na cara da menina...

Pedro estava nervoso. Não pararia de reclamar tão cedo.

—E anda topetuda, a malcriada. Depois fica querendo falar do Altair. Vê se pode querer se comparar com o Altair?

—Não dá pra esquecer?

—Esquecer como, Zefa? Eu sinto falta dele, um moço belo, trabalhador, de primeira. Se ele estivesse aqui, tava dando uma mão, cortando mais tonelada que eu. Em vez disso, Deus levou ele. Levou ele e deixou esta menina aí...

—Deixou a nossa filha, Pedro—Zefa enfatizou a "nossa".

—Sua filha...

—Que é isso, criatura? Pois o sangue dela é igual ao seu. Não lembra o que o médico falou quando você foi dar sangue daquele acidente onde o Ezequias morreu?

Pedro, sem responder, dirigiu-se até à porta. De lá, ele despediu-se:

—Já vou indo. O compade Mané já vem chegando... Pedro já havia saído, quando Zefa notou que ele esquecera a comida.

—Criatura! —ela gritou, emburrada, passando a mão no caldeirão já pronto—não vai levar a comida, não?

Logo que o marido partiu, Zefa, ao entrar na sala, percebeu que Marta soluçava baixinho, a cabeça enterrada no travesseiro.

Zefa sentou-se no sofá, ao lado da filha. Estendeu o braço, acariciando levemente sua cabeça. Marta pensou em fingir que dormia, mas já era tarde.

—Mãe—ela virou-se, olhando a mãe nos olhos—, por que o pai disse que eu sou culpada pela doença da senhora?

—Seu pai diz muita besteira, Marta!—Zefa quis mudar de assunto.

—Fala a verdade, mãe. . .

—Bão, Marta, já que você escutou não tem jeito de ficar escondendo. Depois que o Altair nasceu, eu tive mais dois filhos homens. Nasceram normais e sadios, mas não vingaram. Morreram ainda anjinhos. Depois deles, você nasceu. Seu parto foi muito difícil, complicado. Eu quase morri nele. Você sobreviveu e eu também, mas...

—Mas?—e Marta sentou-se no sofá, prestando atenção no que a mãe dizia.

—Mas eu não pude ter mais nenhum filho—Zefa concluiu.

—Então é por isso, mãe?

—É por isso o quê, filha?—Zefa sabia o que Marta acabava de concluir.

—É por isso que o pai implica tanto comigo. . . Ele sempre gostou mais do Altair do que de mim, por quê? Porque o Altair era homem e ajudava ele na roça, né? Os dois outros nasceram, mas não vingaram. E se ele já me culpa da morte do Altair, também deve da morte dos...

—Que é isso, filha? Fica puxando pensamento bobo, não... Pedro não culpa você da morte dos outros não, Marta —Zefa discordou com firmeza.

—Tá certo, mãe! Mas me culpa pela senhora não ter tido outros filhos homens, que o ajudassem na roça.

—Aí pode ser, Marta! —não adiantava Zefa tentar desconversar. Marta era inteligente o suficiente para ter pensado corretamente.

—É isso mesmo, mãe! Não é à toa que ele pega tanto no meu pé por qualquer motivo. O que ele queria é que eu fosse um homem pra ajudá-lo na roça. Mas como eu sou mulher, só atrapalho, né?

—Filha, tira essas coisas da cabeça, pelo amor de Deus!

—Tiro não, mãe—Marta estava pensativa. - Tiro não. Eu preciso mostrar ao velho e machão Pedro Nascimento que eu SOU mulher, sim senhora, e que por isso mesmo tenho muito valor...

—O que você tá pensando? —Zefa olhou espantada para Marta, reparando que ela estava com o mesmo olhar distante da vez em que o pai a esbofeteara. Ficando temerosa sobre o que a filha pudesse fazer, Zefa disse:

—Marta, não vai fazer nenhuma bobagem...

—Ainda não sei, mãe—Marta respondeu, o olhar distante, perdido.—Mas se eu fizer alguma coisa, a senhora vai ficar sabendo, ah, isso vai.. .

12

UM "MINEIRO" QUE TRABALHA EM SILÊNCIO. UM FARMACÊUTICO APAIXONADO. UMA GAROTA CIUMENTA

Deixemos Marta trocando segredos com a mãe para falarmos um pouco sobre a população de Guariba, e aproveitar também para apresentar alguns habitantes da cidade, personagens desta história.

Guariba, além dos moradores da cidade, abriga, no tempo da safra, muita gente de fora. São desempregados da região e de outros Estados que vêm tentar a sorte no corte da cana.

Por isso, a cidade incha com essa população flutuante, virando terra de ninguém, onde todos são forasteiros, perdendo a característica de cidade pequena para se tornar um amontoado de desconhecidos e um poço de problemas.

Como a maioria vem do Estado de Minas Gerais, qualquer um que chegue exclusivamente para o tempo da safra recebe o nome de mineiro, seja ele do norte do Paraná, da longínqua Bahia ou até de Minas Gerais mesmo.

Em uma dessas madrugadas, um rapaz moreno e franzino —um dos novos personagens desta história—apresentou-se junto com os mineiros que haviam chegado da cidade de Passos, trazidos pelo Betão, um gato que ganhava a vida trazendo bóias-frias de outros Estados.

Camisa de manga comprida, lenço debaixo do chapéu de abas largas, luvas nas mãos, ele se apresentou a Pedrosa, um dos muitos gatos da cidade.

—Que é isso, mineirinho?—um dos que estavam perto, veterano de outras safras, ironizou.

—Você veio também pela Betão-tur?—outro emendou, todos rindo do gracejo.

—Ele parece o Jesualdo —um dos mineiros comentou, apontando um companheiro mais afastado.—Não gosta nem um pouquinho de sol. O Jesualdo vive reclamando que...

—Se no começo ele já está assim, não vai aguentar até o meio da safra—o primeiro, experiente, concluiu.

—O certo então é ser guarda-noturno—Pedrosa comentou, rindo gostoso, enquanto ia fiscalizando a subida ao caminhão.—Aí, nem vê o sol.. .

O rapaz não ligou aos comentários. Bem protegido do sol, ele, na verdade, não se vestia muito diferente dos outros. No corte de cana, para se proteger do sol e da fuligem das Falhas queimadas antes do corte, até as mulheres usam calças de homem debaixo da saia ou do vestido, todos se trajando mais ou menos igual.

—Seu nome?—Pedrosa perguntou ao rapaz, antes que ele subisse ao caminhão.

O rapaz não respondeu. Em vez disso, estendeu um papel onde estava escrito:

"Meu nome é João. Sou mudo."

O gato pegou o papel das mãos do rapaz e leu: "Meu nome é João. Sou mudo."

O gato ficou meio sem jeito mediante da novidade.

—Escuta, pelo menos?

O rapaz afirmou que sim, com um movimento de cabeça.

—Tem ferramenta?

Estendendo a mão direita, o rapaz mostrou que tinha podão e lima.

—Onde comprou?

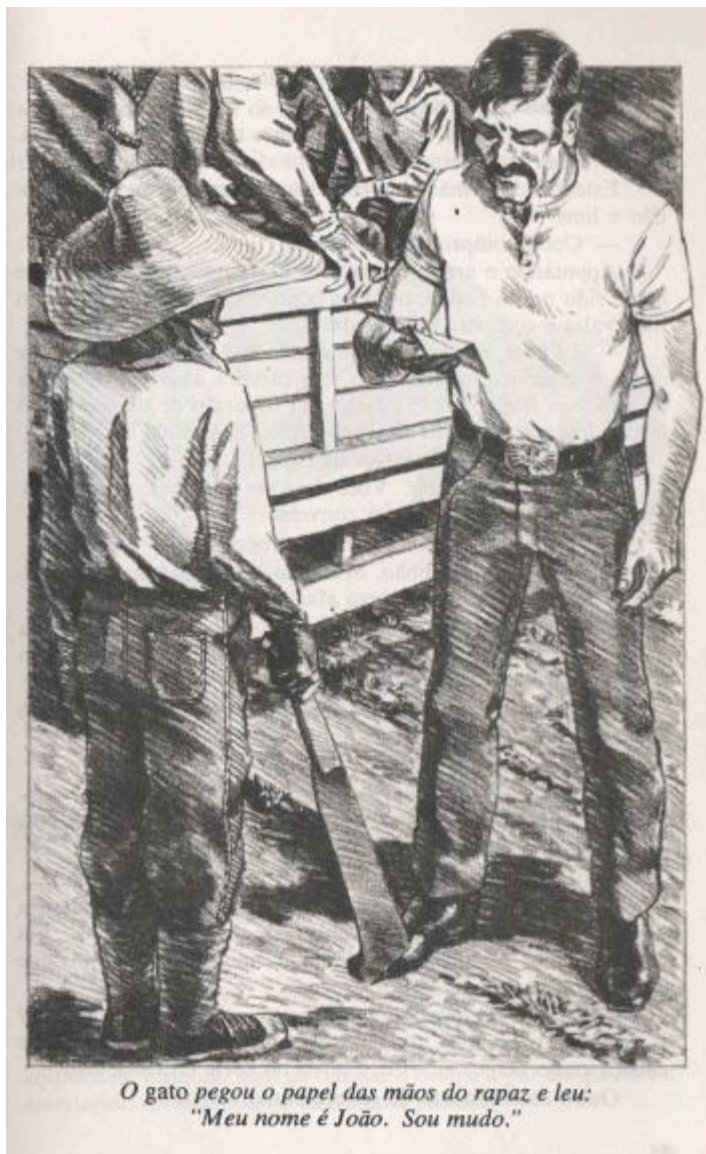
Apontando o armazém em frente, o rapaz demonstrou que havia sido no do Guida, onde os bóias-frias de Pedrosa deviam tirar vales e comprar ferramentas.

—Tá bem, eu confirmo depois se foi lá mesmo. Mas sabe como é o serviço, certo? Não tem carteira assinada, não tem nada dessas frescuras. E eu não sou o patrão de ninguém. Só levo e trago a peãozada do canavial... Entendido?

Outra resposta afirmativa de cabeça.

—Então pode subir. Você deve ser dos bons. Se é mudo, espero que não seja de muita conversa...

E riu gostoso, satisfeito com o trocadilho.



Já dentro do caminhão, Mudinho, como passou a ser chamado por todos, sentou-se bem afastado dos outros.

—Chega pra cá, companheiro. Esse caminhão, agorinha mesmo vai se encher de gente. A gente acaba indo que nem sardinha em lata, sem poder se mexer.

Mudinho apertou mais o corpo magro no banco. O outro rapaz estendeu a mão, em cumprimento.

—Meu nome é Agenor. E o seu?

Mudinho estendeu o papel com seu nome. Agenor procurou clareza para poder ler. Os que subiram logo depois já contaram o batismo feito por Pedrosa.

—Ele é mudo, Agenor. O gato batizou ele de Mudinho. . .

—Pois muito prazer, Mudinho—e Agenor estendeu a mão novamente, apertando a enluvada do companheiro. Foi aí que Agenor percebeu que Mudinho viera preparado pro que desse e viesse.

—Você é da leva dos mineiros que chegaram de Passos? —Agenor perguntou, obtendo um movimento afirmativo de cabeça como resposta.—E é novo no corte de cana, não?

Outro assentimento de cabeça como resposta.

—Logo vi. Quem é marinho de primeira viagem, vem sempre assim: camisa de manga comprida, lenço e chapeleiro... Às vezes as folhas da cana cortam, mas não é tanto assim... Com o tempo, você se acostuma e faz que nem eu; vou com essa camisa de manca, ralinha mesmo...

Mudinho não se acostumaria. Era desses que não gostavam de se expor ao sol inclemente da região. Mesmo de pele morena, mais adequada ao trabalho ao sol, ele preferia trabalhar bem protegido, tanto das folhas da cana, como do pretume das queimadas, e também do sol forte.

Já no canavial, Mudinho, logo que desceu do caminhão, demonstrou que realmente não era homem de muita conversa; pegou o podão e foi cortando cana, meio desajeitado, mas com rapidez, com fúria, com determinação.

No meio da semana, Tião estava à porta da farmácia, quando avistou um amigo.

- Agenor, vem cá, peão! Eu tenho uma novidade pra contar. .

—Você não vai à sua escola hoje?—o amigo de Tião era o mesmo Agenor que dera as boas-vindas a Mudinho.

—Não posso. Hoje eu estou de plantão... —o rapaz Respondeu, tratando logo de colocar o colega a par do que havia acontecido de interessante na semana passada.

- Agenor, você precisa ver que menininha legal entrou na minha classe...

—Quem?

—Acho que você não conhece. O nome dela é Marta. É nova na cidade. Um morenã...

—De onde ela veio, das praias do Rio de Janeiro? Pelo jeito que você fala, ela deve ficar o dia todo se queimando ao sol pra ficar um morenã...—Agenor brincou, imitando Tião, chateando o amigo.

—Não amola, cara! O moreno dela não é de praia. É dela, entende? Puxa, que menina legal...

—E aí? Você já chegou junto?

—Que chegar junto, cara! Já dei uns toques, mas até agora, nada. Na verdade, eu tô meio indeciso, se chego com uma conversa mais demorada... Mas e aí, como vai lá na sua escola?

—O mesmo de sempre. Colegial é fogo, Tião. Se a máquina de beneficiar arroz do meu ex-patrão não tivesse pifado, eu bem que poderia estar lá até hoje, que era um serviço mais limpo, maneiro. Vou falar, Tião, se eu estivesse na cana desde novinho, como muito peão por ai, já tinha largado os estudos. Mas agora que cheguei ao colegial, vou em frente, na marra. Vou estudar até terminar o colegial, isso vou —Agenor falou, resoluto.—Se bem que cortar cana o dia todo é muito duro. Mas por falar nisso, Tião— Agenor procurou dar outro rumo à conversa —, você precisa ver o mineirinho que tá cortando na minha turma. O cidadão é uma fera...

—Não é um que é mudo?

—Acho que é o único mineirinho mudo por aqui. Mas você já ouviu falar nele também?

—Já e muito mal...

—Como assim?

—A Ângela me disse que ele...

—O que a Ângela falou não me interessa. Pode crer que ela está com ciúmes. Essa menina não pode me ver conversando com alguma moça ou peão que já fica com ciumeira...

—Não precisa ficar nervoso, Agenor. Eu sei que ela...

—Que ela falou do Mudinho porque eu fiquei amigo dele...

—Pode ser. Ela é afinzona de você, que nem dá bola pra ela...

—Eu já falei claro pra ela não me encher. Mas fica que nem carrapicho... Tá no mesmo caminhão que eu e não tira os olhos de mim... Está sempre me vigiando. Se eu converso mais demoradamente com alguém, pronto, lá vem ela tirar satisfação...

—É, eu me lembro daquela menina com quem você estava de paquera...

—Você lembra, né? O que ela fez? Aprontou aquela confusão, estragando tudo. Aí eu dei umas duras nela e ela maneirou bastante. Agora parece que vai encher de novo...

—Ih, olha quem vem lá—Tião falou, olhando para o começo da rua.

—É a Ângela. Deixa eu me mandar. Até outro dia, Tião!

13

CUIDADO COM O MUDINHO, PEÃOZADA!

No final da semana, no acerto de contas, no boteco do Cuida, onde os bóias-frias saíam e chegavam, Mudinho recebeu uma botada.

—Você é dos bons, rapaz. Cortou quatro toneladas por dia. Semana que vem, quero contar com você. Franzino, meio delicado, mas é mesmo como diz aquele ditado "mineiro trabalha em silêncio"...

Por gestos, Mudinho deu a entender que, em breve, estaria cortando dez toneladas de cana.

—Dez toneladas é muita coisa, mas eu não duvido, não —Pedrosa falou.—Você é mesmo que nem os mineiros: trabalha em silêncio.

Mudinho pegou o dinheiro, meteu no bolso da calça, saiu da fila, ganhando o desconhecido.

Agenor, que estava logo atrás, na fila, ficou olhando o companheiro desaparecer. Mais para o fim, dois olhos femininos queimavam de raiva.

Mudinho era assim mesmo: arredio, distante, não se entrosava com ninguém. No canavial, ficava sempre longe dos outros, preocupado apenas em cortar cana. Na hora em que todos paravam para almoçar, às nove da manhã, ele se afastava, evitando os outros.

—O que tem esse peão?—Joana, uma das mulheres, perguntou, um dia, apontando Mudinho, sentado separado dos demais.

—Ele deve ficar desse jeito por causa da comida. Deve ser de vergonha— Adelaide, uma viúva mãe de três filhos, respondeu.—Quando o meu finado Joaquim era vivo e cortava cana lá perto de Pitangueiras, onde morreu em uma trombada de caminhão, tinha um rapazinho que era assim. A gente foi ver e ele só comia arroz purinho, sem mistura...

—Pois eu não me envergonho de ser pobre— Juarez, um dos rapazes, fez questão de mostrar a marmita.—Olha aí: arroz, feijão e um pedaço de sardinha.

—Acho que não é isso não, dona Adelaide —Renélio, outro bóia-fria, deu seu parecer.— Ele é estranho mesmo...

—Tá pensando o que eu te pensando, Renélio... — Juarez comentou.

—Sei não, Juarez... Acho bom tomar cuidado com esse peão. Ele lá me parecendo dedoduro, espia de feitor...

—Ira o que eu imaginava —Juarez confirmou e, enfiando o garfo na marmita, disse para todos: —Vamos comer, cambada! Vocês ficam olhando o Mudinho e acabam passando fome...

Todos riram da maneira como Juarez falou aquilo, fazendo trejeitos com a boca. Agenor, levantando-se, disse, contrariado:

—Eu vou lá falar com ele...

Renélio deu um passo à frente, segurando Agenor pelo braço, recomendando:

—Cuidado com o que falar com ele, Genô!

—Não esquentar não! Eu sei me cuidar... —Agenor respondeu, safando-se de Renélio com um jogo de ombro, deixando claro que estava ofendido com as conclusões dos companheiros.

Ao se aproximar de Mudinho, Agenor estendeu o braço, oferecendo:

—Mudinho, quer um pedaço de pão?

O rapaz, recusando com um gesto de cabeça, continuou a comer, a cabeça abaixada.

Diante da negativa, Agenor não sabia o que dizer. Em pé, na frente do amigo, pôde confirmar que o motivo de Mudinho sentar-se tão distante dos outros não era vergonha da mistura. O caldeirão de Mudinho tinha o mesmo de todos: arroz, feijão, um pedaço de sardinha e uma verdura refogada.

Agenor pensou em dizer alguma coisa, em comentar o corte de cana, o trabalho duro, a falta de segurança, o pouco dinheiro, mas ficou encabulado, sem jeito. Será que as suspeitas de Renélio tinham fundamento?

Mudinho acabou de comer, guardou o caldeirão na sacola a tiracolo, pegou o podão e fez menção de voltar ao trabalho.

—Que pressa é essa, companheiro! A gente ainda tem tempo para descansar...

Mudinho voltou-se, abriu as mãos enluvadas, fazendo com os dedos o número dez.

—Tá, eu sei que você quer produzir mais que os adultos e cortar suas dez toneladas. Mas não precisa correria. Você não se cansa?

Mudinho não respondeu. Preferiu seguir em frente. Agenor acompanhou com o olhar o companheiro afastar-se. E, vendo-o afastar-se, Agenor não estava certo sobre o que em Mudinho chamava a sua atenção: se era o seu mutismo, o jeito de andar, ou o mistério que envolvia tanta solidão, tanta fúria no manejo do podão.

No fundo, Agenor admirava muito o companheiro, a garra, a fúria, a maneira silenciosa de ser.

Sem perceber, Agenor era observado de longe pelos mesmos olhos ciumentos de mulher apaixonada. Não é preciso dizer que eram de Ângela.

14

AS CONFIDÊNCIAS DE MARTA

Já que Mudinho não é mesmo de muita prosa, voltemos a falar de Marta. Depois que ela se conscientizou de que o pai a culpava pela morte de Altair e por sua mãe não poder ter mais filhos, as coisas passaram a ficar mais tensas.

Talvez, por isso, tudo tenha passado a ficar sem sentido para Marta. Principalmente nos estudos, coisa de que ela tanto gostava.

O fato é que, de uma semana para outra, Marta deixou de ser aluna aplicada.

É certo que os professores não exigiam tanto, já que os outros alunos não tinham tempo de estudar, pois trabalhavam de dia. Mas a queda do rendimento de Marta era notável. De uma semana para outra, Marta começou a chegar atrasada, a não se interessar pelas matérias, a ficar distante nas aulas. Isso, quando não faltava...

- Marta, o que está havendo com você?—Tânia quis saber, vendo que ela piorava nos estudos.

—Não é nada não, Tania...

—Como nada, Marta? Ainda na semana passada, você era uma aluna brilhante, cheia de vida. . . E repente, os professores começaram a reclamar do seu comportamento. Eu mesma já notei que você anda muito diferente...

—É que estou com uns problemas lá em casa, sabe?

—Que problemas?

—Minha mãe não anda bem de saúde e eu tenho que arrumar a casa, passar, lavar, fazer almoço e janta. Por isso que eu ando cansada, o corpo moído.

—Marta, lembre-se de que eu me coloquei como sua amiga, não?

—Eu sei disso...

—E amigas não guardam segredos, guardam? Sinto que o que está havendo com você é mais do que um simples cansaço físico. Você está escondendo algo mais...

—Sei disso, Tânia, mas eu não me sinto à vontade para falar dos meus problemas, entende? São coisas muito minhas, Muito daqui de dentro...—e Marta apontou o coração.

—Lógico que entendo, Marta. Sei que, na idade em que você está, já deixou de ser uma menina, mas ainda não é uma mulher adulta. Você está em transformação. É uma idade difícil. Fisicamente, você já é mulher. Acho que não é preciso entrar em detalhes, mas você já deve ter menstruado, seus seios começam a se desenvolver, você está mudando corporal e mentalmente, não?

Marta ficou surpresa por Tânia falar direto, sem rodeios, por tocar em assuntos que jamais ela falara com ninguém, nem com a mãe. E o curioso é que Marta não se envergonhava disso. Pelo contrário, sentia-se valorizada, amparada.

—Eu sei disso, Tânia, mas...

—Calma, deixe-me continuar. E essa transformação traz muita insegurança, estou certa?

—Está sim. Eu mudo muito de idéia... Sei lá, às vezes fico sonhando demais, coisas impossíveis...

—E tem horas que você está contente toda vida e, de repente, é invadida por uma tristeza sem fim, não é mesmo?

—Como você sabe?—Marta estava surpresa.

—Você se esquece que eu também já fui adolescente?— professora sorriu, amigavelmente, continuando: —Como está em casa?

—Não está bem, não, Tânia. Como falei, minha mãe está adoentada, eu tendo que fazer todo o serviço de casa. E depois, meu pai é do tipo machão, que vive dando ordens, vive implicando comigo, vive...

—Vamos, continue. Isso você já me disse...

—Eu não queria falar dessas coisas, Tânia...

—Bem, se você não quiser, não é obrigada. Só queria que você confiasse em mim...

—Eu confio.

—Mas se confia...

—Está bem, Tânia. Eu digo. Meu pai e eu nunca tivemos um bom relacionamento e...

Tânia percebia claramente que Marta estava reticente, fazendo volteios. Sorrindo, ela encorajou a aluna.

—Isso você já me falou, Marta. Que mais?

—Pois então. Antes, não entendia por que ele me tratava assim. Depois que aconteceram certas coisas, eu entendo melhor.

—E quais são essas coisas?

Marta tomou fôlego e contou o que já se sabe: a morte do irmão, a acusação de que seria da a culpada, o fato de a mãe não poder gerar mais filhos, o drama todo.

15

LUGAR DE MULHER É EM VOLTA DO FOGÃO

Ao voltar para casa, Marta estava aliviada, bem leve, contente por ter contado os problemas que guardava dentro do coração.

Ao se aproximar de casa, notou que o pai conversava com seu padrinho, o compadre Mané. Os dois tinham ido a uma reunião do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e

deviam ter chegado há pouco. Pensou em pedir bênção ao padrinho, mas, ao ouvir a conversa dos dois, ficou quieta, escutando, protegida pelas sombras da noite.

—E a minha afilhada, dando muito trabalho ainda?— seu padrinho perguntou.

—Essa menina só me dá desgosto.

—Filha mulher tem dessas coisas. Eu vejo a minha lá em casa. Fica o dia todo zanzando, que nem barata tonta. De vez em quando, eu levo ela pra cortar cana, comigo. Mas não dá certo...

—Eu já falei que não dá, compadre Mané. Lugar de mulher é em volta do fogão...

—E depois é até perigoso. Com essa homarada sem compromisso que tem na safra...

—Ainda ontem, no caminhão, estavam falando no caso da Josana, aquela menina que acharam morta lá no canavial, em Barrinha.

—É, lá perto de Sertãozinho. Eu vi a vizinha contar— Mané confirmava.

—Isso mesmo. Era uma menina de quatro anos, filha de um feitor. Ela se perdeu no canavial e foram encontrar uma semana depois, morta.

—É o que eu digo. Isso aqui anda perigoso demais. E depois, não se tem garantia nenhuma. O gato fica com tudo...

—É aquilo que a gente tava discutindo lá no sindicato, ainda agorinha: além do gato pagar pra gente o quanto ele quer, não temos carteira assinada, nenhum direito trabalhista, e a gente trabalha a semana toda sem saber quantas toneladas cortou. . .

—Isso sem falar no aumento das ruas de plantação, né compade? Na safra passada, dizem que o trato era cortar cinco ruas, mas nessa nós tamos cortando sete.

—É, compade Mané, com sete a produção é muito pior.

—Lógico que é. A não ser para o louco do Mudinho...

—Eu já ouvi falar nesse mineiro—Pedro disse.

—Esse mineirinho é um azogue. Um molecote ainda mirradinho, mas é ligeiro como ninguém. Como o seu finado Altair...

De repente, ao ouvir o nome do filho, Pedro ficou sem jeito de continuar a conversa.

—Que nem o Alteir não tem não...

Vendo que isso cutucara as saudades de Pedro, Mané pediu desculpas.

—Acho que falei besteira, né compade? Desculpa...

Nesse momento, Marta resolveu entrar, passando pelos dois. Pediu a bênção do padrinho e entrou. Foi encontrar a mãe preparando-se para deitar.

—Teu pai já entrou, Marta?—Zefa perguntou.

Marta estava enfezada. Respondeu com um monossílabo.

—Não...

—Ele e o seu padrinho foram numa reunião no sindicato.

—Eu sei...

—Uai, criatura! Que bicho te mordeu?

Marta não respondeu. Tratou de deitar-se. Com o sono que estava e a raiva, nem viu o pai entrar. Já havia adormecido.

16

UM PÉ DE CANA NÃO FORMA UM CANAVIAL

No dia seguinte, tão logo o caminhão do gato Pedrosa começou a rodar, já lotado de bóias-frias, Agenor perguntou a um colega.

—Renélio, como foi lá, ontem, no sindicato?

—Foi bom. Por que você não foi, Genô?

—Tive prova na escola...

—Foi muito bom. Discutimos bastante sobre um monte de coisas.

—Quem foi?

- O Juarez, o Isaias, o Antônio Alves, um monte de gente...

—Eu também fui— uma das mulheres falou.

—A senhora também, dona Margarida?

—Eu e a dona Adelaide.

—Tinha também o seu Mané e o compade dele, o seu Pedro. . .

—Que Pedro?

—Aquele que tá no caminhão do gato Mendonça. O pai da Marta...

—Ah, sei. Essa Marta deve ser aquela que o Tião tá gostando dela...

—Isso. Ainda ontem, fui na farmácia levar meu irmãozinho pra fazer um curativo e ele me falou nela—Renélio comentou.

Na hora do almoço, Agenor, Renélio, Margarida, Adelaide e os outros formaram uma rodinha e continuaram a conversar.

Mudinho, em vez de ficar distante, como sempre, aproximou-se. Ao ver que o companheiro estava por perto, Agenor sentiu-se feliz por ter ganhado mais um simpatizante para suas idéias. Se Mudinho se aproximara, é porque estava começando a se interessar pelos problemas dos bóias-frias.

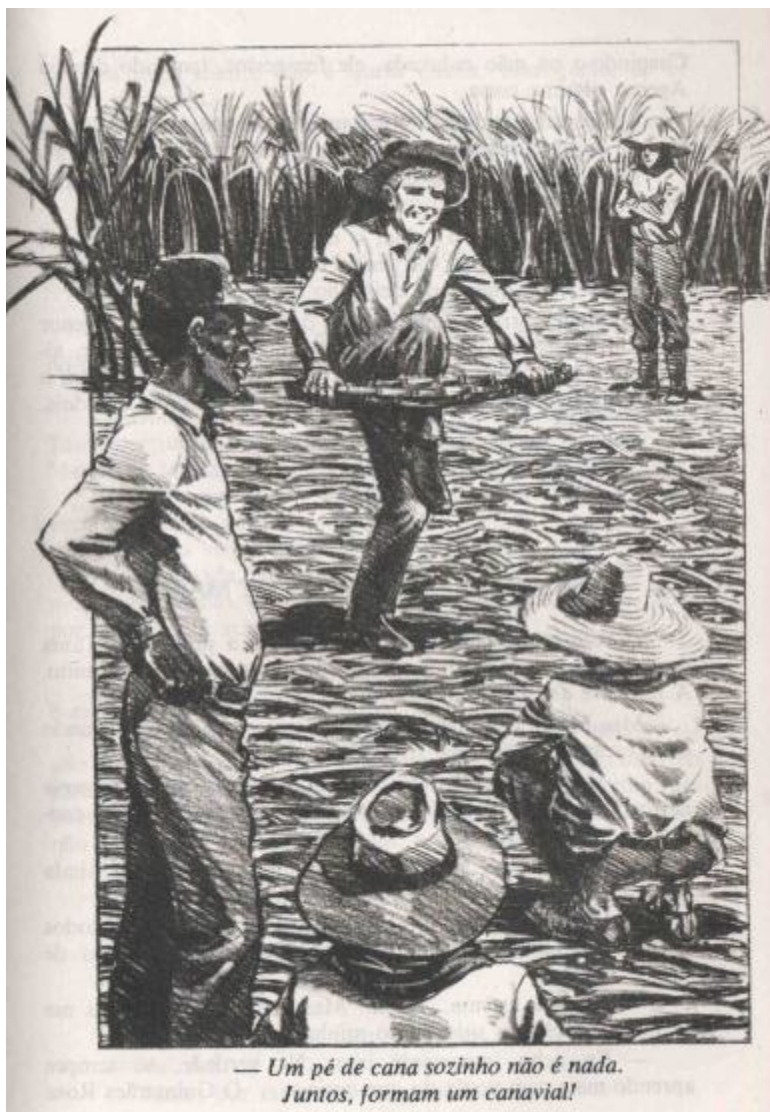
Mais do que todos, no entanto, dois olhos femininos prestaram atenção no sorriso que Agenor esboçou, enquanto Renélio falava, ao ver Mudinho aproximar-se.

—Resumindo o que você falou, Renélio— Agenor pediu a palavra, tão logo o rapaz terminou de contar o que haviam discutido no sindicato.—Resumindo, é preciso que a gente se organize...

—É isso aí, Genô. Sem organização, os gatos vão ficar fazendo e desfazendo da peãozada, pagando o que eles querem, roubando na pesagem da cana, não pagando o dia que chove, nada disso...

—Além de pagar menos pras mulheres—Margarida reclamou.— É sim, gente, o que os homens tão rindo? - ela enfezou-se, diante do sorriso de alguns.—Eu, a Adelaide e muita mulher deste talhão, corta mais cana que muito homem barbado, e recebe metade...

—Não sei não, dona Margarida—Joana, uma das mulheres, interrompeu.—Esse negócio de se organizar, de procurar os direitos da gente, é bom pra moça solteira ou pra viúva que nem a dona Adelaide. Eu sou casada e tenho marido e filhos. Se eu exigir do gato o que é certo, acabo prejudicando meu homem. Venho mesmo só pra completar a diária dele...



— Um pé de cana sozinho não é nada.
Juntos, formam um canavial!

—Se a gente não se organizar, Joana—Adelaide pediu a palavra—, você acaba perdendo até o marido que nem eu perdi num acidente de caminhão, em Pitangueiras. Se o povão não fizer pé firme, minha filha, não se consegue nada...

Procurando ilustrar o que Adelaide estava falando sobre organização, Agenor abaixou-se e, pegando uma cana, pediu a palavra:

—Estão vendo essa cana?

Ato seguinte, Agenor forçou-a um pouco contra o joelho e a partiu em dois pedaços. Tomou-a novamente. Foi difícil, mas deu para quebrá-la uma segunda vez. Tentou a terceira. Não deu mais.

—Tão vendo...—Agenor chamou a atenção de todos. —Um pé de cana sozinho, não é nada. Juntos, formam um canavial...—e Agenor apontou aquele mundo de cana, em

volta, desafiando aqueles bóias-frias cansados de manejar o podão, na luta diária para derrubarem os milhões de pés de cana.

Ao olhar em volta, Agenor cruzou o olhar com o de Mudinho. O companheiro olhava-o com interesse. E sorria. Agenor sentiu que a barreira entre os dois fora rompida. Até aquele dia, Mudinho jamais o olhara nos olhos. Realmente, ele tinha razão: Mudinho estava mudando. Para melhor.

Quando o pequeno grupo se dispersou, voltando a se armar com o podão, Mudinho pegou uma cana e, repetindo o gesto de Agenor, quebrou-a no joelho. Com isso, queria dizer que concordava plenamente, era preciso mesmo a união de todos.

Antes de voltarem a cortar cana, Mudinho limpou um gomo e, levando-o à boca, chupou até deixar só o bagaço.

Cuspindo-o na mão enluvada, ele fez gestos, tentando dizer a Agenor alguma coisa.

—Eu sei, Mudinho. Você quer dizer que é assim que os gatos e muitos usineiros fazem com a gente, não é mesmo?

Mudinho confirmou com um gesto de cabeça e Agenor continuou:

—Eles chupam o caldo, o nosso trabalho. No final do dia, só resta o bagaço da gente, debaixo do pretume que a fuligem da cana queimada deixa no corpo de todo mundo...

Mudinho sorriu e, enquanto os dois se separavam, Agenor guardou na lembrança o sorriso do amigo. Sem perceber, alguém, um pouco distante, quebrou também uma cana contra o joelho, mas com raiva, muito ódio, inveja da amizade dos dois.

17

HÁ AMOR NOS OLHOS DE MARTA

O bom relacionamento de Marta com a professora Tânia serviu para que o comportamento da aluna melhorasse muito. A tensão e as brigas em casa diminuíram bastante.

Mas Marta continuava a chegar atrasada à escola, ficando desinteressada das aulas, fisionomia cansada.

—Marta— a professora chamou-a para uma conversa em particular—, os professores têm reclamado que você continua do mesmo jeito.

—Lá em casa as coisas melhoraram muito, mas ainda não está tão bom assim. Minha mãe não sarou e...

—Eu sinto, Marta, que você ainda não me contou todos os seus segredos. Sinto que guarda muita coisa dentro de você...

—Guardo mesmo, Tânia. Mas aos poucos eu vou me abrindo. Você tem sido muito minha amiga, sabe?

—Eu acho importante isso. Na verdade, eu sempre aprendo mais com vocês do que ensino... O Guimarães Rosa já dizia que "mestre não é quem ensina, mas quem, de repente, aprende".

Percebeu que a aluna estava olhando o pátio, pela janela da classe.

—O que você está vendo, Marta?

—Aquele rapaz que está conversando com o Tião, lá no pátio...

—Ah, o Agenor? O que será que ele está fazendo aqui na escola?

—É novo aqui?—Marta perguntou.

—Não, ele estuda no Pacífico, onde só tem o segundo grau.

—Você dá aula lá também?

—Dou. Ele é meu aluno. Mas por que o interesse?— Tânia perguntou, vendo que havia algo diferente nos olhos de Marta.—Marta, é verdade o que estou vendo em seus olhos?

—Em meus olhos?—Marta ficou encabulada.—O que você está vendo neles?

—Estou vendo amor.

—Que nada, Tânia. Pára, com isso... —Marta quis mudar de assunto.— É a segunda vez que eu vejo este rapaz por aqui... Eu acho ele bonito, mas...

—Mas?

—Eu nunca gostei de ninguém antes... Nem sei como é esse negócio de gostar, de amor...

—Quando o amor chega na vida da gente, Marta, ele não bate na porta e nem pede licença. Ele vai entrando de mansinho, ou de repente, sabe-se lá. Em 1500, o Camões, um poeta português, já dizia que ele é "um não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei porquê"

—Então é assim, de repente?

- Às vezes. E com você, estou vendo, foi assim, não?

—É, eu acho que sim...

—Mas me conte esse segredo. Ele já sabe?

—Sabe do quê, Tânia?

—Do seu interesse...

—Não. Não sabe e nem vai saber...

—Vai sim...

—Tânia, por favor, não diga nada...

—Por que não?

—Eu só o vi umas duas vezes... Ele nem sabe que eu existo. . .

—Mas é preciso aparecer, usar o seu charme.

—Charme?—Marta estranhou a palavra.

—É, charme, o seu jeitinho de ser... —a professora explicou.

—Pelo amor de Deus, Tânia. Deixa as coisas acontecerem, tá? E depois, ele é amigo do Tião. E o Tião...

—O Tião, eu tenho percebido desde o primeiro dia, está muito interessado em você...

—Eu sei disso. Ele é um bom amigo, mas daí a gostar dele é diferente... Mas é bom deixar as coisas acontecerem devagarzinho. Não quero magoar o Tião e nem demonstrar interesse pelo Agenor...

—Está bem, então. Pode contar com a minha discrição.

—Posso mesmo?—Marta perguntou, insegura.

—Claro que pode.

—Então jura por Deus.

—Que é isso, Marta, você não confia na minha palavra?

Marta ficou sem jeito, pedindo desculpas.

18

MARTA TEM CIÚMES DE MUDINHO

Dois dias depois que Marta confessou à professora seu interesse por Agenor, houve novidades no corte da cana.

—Hoje nós vamos cortar junto com os caminhões do gato Mendonça e outros gatos. Pegaram uma empreitada grande perto de Jaboticabal.

Mudinho não gostou da mudança. Agenor tranquilizou-o:

—Não se preocupe, companheiro. É a mesma coisa de sempre. Chega lá, nós vamos encontrar o que vimos até e: canas cana e mais cana...

Ao descerem do caminhão, no canavial, Mudinho voltou a ser arredio, esquisito, como no começo.

Tão logo pisou o chão firme, ele já foi atacando os pés-de-cana, com raiva, com ódio daquela fuligem, daquela quei ada, daquela situação de bóia-fria, que ele começava a compreender melhor. E trabalhava com tanta fúria que não reparou em alguém que o observava há tempos.

Na hora do descanso, na hora de comer a bóia fria, Mudinho estava sentado, a atenção concentrada em engolir o arroz e o feijão misturados com um pouco de abobrinha refogada, quando sentiu que alguém parou à sua frente, querendo puxar prosa.

—Mudinho, eu sou da turma do Mendonça. Tava observando você cortar cana. Você é rápido mesmo, rapaz! Corta a cana ligeiro...

Mudinho não se deu por achado. Continuou a comer, cabeça baixa, sem nem levantar o rosto em direção ao estranho. Fez que nem ouviu.

O homem, diante do mutismo do rapaz, afastou-se chateado, ofendido.

—Liga não, seu Pedro—alguém disse, dirigindo-se a ele, tentando justificar a atitude de Mudinho.

O homem olhou o rapaz que lhe chamara pelo nome.

—Eu sou o Agenor, seu Pedro. A gente se conhece lá do sindicato...

Reconhecendo o rapaz, Pedro comentou:

—Esquisito o seu amigo...

—Não liga não. Ele não gosta de prosa. É meio arisco, muito arredio, mas é um bom companheiro.

Renélio, que ia passando perto, deu um palpite.

—Cuidado com esse peão, seu Pedro. Tô desconfiado que ele é espia de feitor.

—Não liga pras suspeitas do Renélio não, seu Pedro... —Agenor interferiu, o companheiro já se distanciando.

—Engraçado!—Pedro falou baixo, em tom de dúvida, de reflexão, embora Agenor tenha escutado.

—Engraçado o quê, seu Pedro?

—Não sei. Ele não me é estranho. Parece que eu já vi ele por aí...

—Pode ser, seu Pedro. Guariba é uma cidade pequena. . .

—Bá!—Pedro mexeu a cabeça, negativamente, afastando um pensamento ruim. Depois, continuou: —Bão, antes de voltar a trabalhar, quero ver se eu consigo mudar de caminhão. . .

—Por quê, seu Pedro?

—O Mendonça pára muito longe de casa, lá no boteco do Pimenta. O Pedrosa faz ponto bem pertinho de casa, lá no armazém do Guida...

—Tem razão, seu Pedro. Pro senhor era uma mão na roda. . .

—Se era, Genô.

À noite, quando Pedro chegou em casa, perguntou logo pela Marta.

—Tá acabando de tomar banho—Zefa respondeu. E chegando-se à porta da cozinha, gritou em direção ao quintal: —Anda logo, Marta. Se não você perde a aula...

—Por que essa menina não toma banho mais cedo?— Pedro perguntou, irritado.— Quase todo dia é isso. Eu chego do serviço e ela tá sempre no banheiro nessa hora. Isso, quando não...

—Deixa de implicar com a menina, criatura! Você vai tomar banho ou vai comer antes?—Zefa o interrompeu.

—Vou comer. Já que o banheiro lá ocupado, pode pôr a comida aí...

Enquanto se sentava, Pedro contou:

—Sabe, Zefa, hoje eu conheci o Mudinho...

—Conheceu?—Zefa perguntou, enquanto trazia a panela de arroz para a mesa.

—Conheci sim. Ele tá no caminhão do Pedrosa. E o Pedrosa mais o Mendonça pegaram uma empreitada no mesmo canavial. . .

Marta saiu do banheiro e veio para a cozinha, pegando o resto da conversa. Sentando-se, escutou o que o pai dizia.

—O rapaz é meio estranho, sabe? Meio malcriado... Fez pouco caso do meu cumprimento... Quem conhece ele mais de perto, como o Renélio, acha que o peão é espia de feitor... Mas é um azogue, como diz o compade Mané. Corta cana rápido, decidido como quê...

—Que nem o Altair cortada?—Zefa perguntou, se sentando.

—Pois olha, Zefa. Não é pra desfeitear o finado do meu filho Altair, mas o Mudinho não deixa por menos...

Marta não gostou da declaração do pai. Parecia, ter ficado com ciúmes daquele rapaz de quem todo mundo falava tão bem. Na escola, comentavam também a respeito dele. Agora, até seu pai chegava à conclusão de que o tal do Mudinho era melhor que seu irmão Altair...

Emburrada, levantou-se logo em seguida.

—Marta, o que foi?—a mãe perguntou.—Você não comeu nada, filha!

—Não tô com fome. . . —ela respondeu, dirigindo se à cômoda da sala, onde guardava os cadernos da escola. Quando estava na porta, já com os livros debaixo do braço, ela disse: —Se esse Mudinho é tão bom como o pai disse, por que vocês não adotam ele como filho? Assim vocês arrumavam um bom substituto pro Altair...

Pedro quis dar um corretivo na filha, mas não adiantava. Marta já havia ganhado a rua.

19

O MUDINHO FALOU? MAS COMO?

No dia seguinte, a mesma rotina de sempre.

—Vamos subindo, minha gente—o motorista de Pedrosa arrebanhava os peões.—Hoje vai ser um dia quente.

Um a um, os bóias-frias foram se aboletando na carroceria do caminhão, procurando um lugar menos ruim.

Durante o trajeto, não se comentava outra coisa a não ser o que se tratara no sindicato.

—Acho que o povão já está maduro pra parar de vez - Renélio dizia, contente.—Tá todo mundo falando uma coisa só, Genô...

—É o que eu digo, Renélio. Sozinho a gente não é nada...

—Ontem, um motorista lá de Itajaí, de Santa Catarina— Renélio continuou contando sobre a reunião da noite anterior —, foi no sindicato e contou o que fizeram com ele, numa usina perto de Ribeirão Preto...

—Perto de Ribeirão?

—É. Ele veio lá do sul pra puxar cana aqui. Mas quando chegou, tudo o que tinham prometido era mentira. O caminhão dele quebrou e até ele arrumar dinheiro pra voltar, tá cortando cana...

—Mas não pagaram o serviço?

—Pagaram nada. Ele puxou cana e, quando foi acertar o que deviam, os seguranças da usina puxaram o caminhão dele com um trator uns quatrocentos metros pra fora da usina e puseram o coitado pra correr, senão iam queimar ele de bala.

Na hora do almoço, depois de terem cortado muita cana, todos foram sentar-se para comer. Mudinho, como sempre, ficou mais longe, separado de todos.

Agenor aproximou-se para conversar, vendo que ele voltara a ficar distante.

Antes que o fizesse porém, Ângela cortou sua frente.

—Agenor, eu preciso falar com você...

—Ângela, eu não tenho nada pra conversar...

—Tem sim. Pensa que eu não sei que você e esse dedo-duro do Mudinho vivem aí pelos cantos, conversando fiado e trocando segredinhos? Você não se enxerga não, Agenor?

—Ângela, cala essa boca...

—Calo não, Agenor. Eu vou gritar pra todo mundo saber que esse Mudinho é um espião, que está entregando todo mundo pro feitor... Gente—Angela começou a gritar, chamando os que estavam por perto —, gente, vocês sabiam que o Mudinho. . .

Não conseguiu completar a frase. Mudinho, enquanto ela e Agenor discutiam, aproximara-se. Quando ela começou a gritar, ele deu-lhe um empurrão. Caindo sentada, congela disse:

—Pois eu te pego, seu traidor, seu dedo-duro...

Levantando-se; com raiva, ela avançou contra Mudinho, agredindo-o. Engalfinhados, rolaram pelo chão.

A briga chamou logo a atenção de todo mundo. A turma do deixa-disso quis entrar em ação, mas os outros, vendo que a situação estava equilibrada, deixaram que a coisa continuasse.

Com a briga, o chapéu e o lenço de Mudinho foram arrancados fora pela primeira vez. E, para espanto de todos, de debaixo do chapéu foi surgindo uma pessoa bem diferente do Mudinho que já estavam acostumados a ver.

Quando a briga terminou de vez, apenas Mudinho conseguiu levantar-se. Ângela estava caída. Tinha perdido a batalha.

—Isso é pra você deixar de se intrometer na vida dos outros, sua sirigaita!—o Mudinho falou.



Mas como, o Mudinho falou?

Todos que estavam ali perto olharam espantados para ele, alguns sem perceber ainda o que estava acontecendo, apenas compreendendo que o Mudinho não era mudinho coisíssima nenhuma.

—Marta!—Pedro gritou, atônito. —Mas você não é o Mudinho. Você é... é... Marta, a minha filha!— Pedro, boquiaberto, ainda não sabia direito o que acontecera.—Mas se você é Marta, cadê o Mudinho?—Pedro estava mesmo sem entender nada.

—Não existe Mudinho nenhum, pai!—Marta respondeu, nervosa, ainda ofegante.

—Então... então... então, por que você fez isso? — agora era a vez de Agenor, também muito surpreso, perguntar.

—Eu queria mostrar pro senhor, seu Pedro—Marta respondeu, voltando-se em direção ao pai—, que as mulheres fazem o mesmo serviço que os homens e até melhor. . .

—Mas pra que isso? — Pedro interrompeu-a, ainda atônito.

—Pro senhor parar com esse negócio de falar que só o Altair dava conta do recado e passar a prestar mate atenção na filha e na mulher que tem em casa...

Pedro não conseguia dizer palavra diante da revelação inesperada. Marta, vendo que todos estavam à sua volta, curiosos, foi abrindo espaço, voltando a cortar cana.

—Mudinho... quer dizer... Marta—Agenor não se sentia muito à vontade.—Marta, você não vai almoçar?

—Perdi a fome, Agenor—Marta respondeu, também timidamente. E já foi deitando por terra um pé de cana, com um golpe certo do podão.

—Posso dizer uma coisa, Marta?—Agenor arriscou.

Marta fez que não ouviu. Era a primeira vez que ela, com a verdadeira identidade de Marta, estava diante de Agenor e isso a deixava encabulada.

—Fico contente por saber que você é Marta e não o tal do Mudinho...

Marta, diante daquela declaração, que ela tomou como de amor, desconversou, sem jeito:

—Você não está zangado?

—Zangado, eu? Tô muito feliz, isso sim. Feliz mesmo. . .

E Agenor arrematou:

—Quem não vai gostar de saber da minha felicidade vai ser um amigo meu...

—O Tião?—Marta sabia que Agenor se referia a ele.

—É, ele mesmo...

Terminado o serviço, no finalzinho da tarde, os bóias-frias voltaram à cidade. Ainda no caminhão, Renélio aproveitou para pedir desculpas à Marta.

—E eu poderia pensar que você era quietão... quer dizer, quietona, porque era mulher?

Marta, como sempre, chegou primeiro que o pai, já que o caminhão do gato Pedrosa vinha mais cedo e o armazém do Guida era perto de sua casa. Chegou e foi direto ao banheiro. Sua mãe, que estava na cozinha, vendo a filha passar sem cumprimentá-la, apressou-a:

—Toma banho depressa, Marta. O Pedro vai acabar desconfiando do seu plano...

Marta não respondeu. Apenas sorriu consigo mesma, vitoriosa.

Logo depois, quando Pedro chegou, Zefa voltou a apressá-la, como fizera em todos aqueles dias.

—Anda logo, Marta! Se não você vai perder a hora da escola. . .

Virando-se para o marido, ela se desculpou.

—Não adianta, Pedro, eu vivo falando pra Marta tomar banho mais cedo, mas ela diz que gosta de tomar banho na horinha de ir pra escola...

—Mente não, Zefa—Pedro respondeu, de mau humor.

—Uai, criatura, o que te mordeu?

—Hoje eu descobri tudo, Zefa. Vocês vêm me engambelando faz tempo...

—Engambelando?—Zefa compreendeu que o plano secreto de Marta havia sido descoberto.

—Hoje eu descobri que o Mudinho é a Marta. - E você deve ter bastante culpa nisso tudo...

Sentindo-se descoberta, Zefa sentou-se à mesa e tentou explicar os porquês da atitude de Marta.

—Não tem explicação não, Zefa. Essa menina me fazendo de palhaço, de bobo, fazendo eu passar carão na frente de todo mundo...

—Escuta aqui, criatura!—Zefa, pela primeira vez na vida, ousava falar alto com Pedro.—Marta não quis fazer você passar carão coisa nenhuma. Ela estava era mostrando que tem muito valor, que é muito trabalhadeira, que...

—Que é isso, mulher? Que jeito é esse de falar comigo? —Pedro espantou-se com a reação de Zefa.—Você nunca me falou assim...

Zefa também estava surpresa com a sua maneira despachada de dizer tudo aquilo. Até aquele dia sempre fora submissa, cordata, acatando a palavra do marido como se fosse uma lei irrevocável.

—Mas também... Você só gosta de mandar... Isso me dá nos nervos, isso sim... —Zefa resmungou, voltando a se preocupar com o jantar.

Marta acabou o banho e veio para a cozinha.

—Senta aí, Marta—Pedro disse, enérgico.—Hoje nós temos muito o que conversar...

Zefa virou-se lá do fogão e fulminou um olhar de censura em direção a Pedro.

—É isso mesmo, sim senhora! Não adianta me olhar com essa cara não...—Pedro respondeu ao olhar censório de Zefa.

—Pode dizer, pai!—Marta assentou-se, enquanto se servia, apressada.

Pedro não sabia por onde começar. Ainda estava atônito com os acontecimentos do dia. Ficou olhando para Marta, enquanto ela tratava de comer depressa. Depois de algum tempo, ele disse:

—Escuta aqui, menina...

—Estou escutando, pai!—Marta quase havia terminado de comer.

—Onde a senhora pensa que vai com tanta pressa? Pedro conseguiu dizer, vendo que a filha estava apressada.

—Vou estudar, pai...

—Vai não. Hoje ninguém sai desta casa— Pedro retomou sua autoridade de homem mandão.

—Pai, depois a gente conversa. Eu tenho perdido muita aula—Marta disse e se levantou, despachada. Antes que Pedro reagisse, Marta já estava na porta da casa.

Visivelmente derrotado, embora ainda não quisesse dar braço a torcer, Pedro gritou:

—Pelo menos toma a bênção, sua ingrata!

—Benção, pai!—Marta gritou, da rua.

Vendo que não adiantava ficar bravo e nem nervoso, Pedro pegou o prato que Zefa lhe estendia.

Enquanto comia, ficou remoendo seus pensamentos.

—Eu bem que estava desconfiado do Mudinho, Zefa. Ainda ontem, quando fui falar com ele, sabia que conhecia aquele peão de algum lugar. Não entendia direito de onde, mas sabia que conhecia...

—Fica matutando isso não, criatura! A janta esfria...

20

MARTA, FINALMENTE MULHER

Ao sair de casa, em direção à escola, Marta ia contente. Não estava nem um pouquinho cansada, como nos outros dias. Pelo contrário, toda a ansiedade acumulada naqueles dias de muita tensão terminara. Acabara a necessidade de viver escondida, tendo que sair de madrugada, logo depois do pai, e chegar antes dele, indo para a escola correndo, morrendo de sono em cima dos livros. E tudo isso sem poder contar a ninguém, nem à Tânia, sua professora e amiga.

Enquanto ela caminhava, sorria ao lembrar-se da expressão de espanto que o pai fizera ao sabê-la Marta, e não Mudinho. Não quis se dar por vencido, mas ela sabia que o machismo dele fora duramente atingido. Mais do que isso, outra coisa que a deixava sorridente eram as palavras ditas por Agenor. Agora não precisaria esconder-se dele também, ficando a olhá-lo de longe, quando fosse à escola conversar com Tião.

—Marta!—alguém a chamou, tão logo ela chegou à escola, ainda no portão.

—Oi, você por aqui?—Marta tomou ares de quem estava muito surpresa, embora tivesse certeza quase absoluta de que Agenor estaria à sua espera.

—Puxa, estou até sem fala...

Ao vê-la, assim tão perto, de saia e blusa, sem o chapeleiro, camisa de manga comprida, calça de homem, Agenor só podia mesmo ficar sem fala.

—O que houve, Agenor? Até parece que nunca me viu?

—Vestida desse jeito, nunca mesmo. Sempre vi você com roupas de homem...

Os dois esboçaram um sorriso nervoso. Havia um leve tremor na voz dos dois.

—Agenor, eu preciso ir...

—Não vai não. Fica mais um pouco. O sinal ainda não bateu...

Criando coragem, Agenor foi direto:

—Marta, você quer me namorar?

Era o que Marta mais desejava, mas ficou indecisa se devia dizer sim ou não, assim sem mais nem menos. Foi salva nela sinal da escola.

—O sinal está tocando. Eu vou indo. Depois a gente conversa. . .

—Pensa no que eu falei, lá?

Não era preciso pensar. Marta já havia decidido. Desde o primeiro dia, quando Agenor estendeu a mão, apertando a sua enluvada. Marta só precisava de um tempo para colocar as idéias no lugar. Aquele fora um dia muito agitado.

—Marta, eu preciso falar com você —Tânia chamou-a, tão logo terminou a aula de português, antes do recreio.—Que agitação é essa? Você não parou um minuto, mexendo com todo mundo, como se tivesse prego na cadeira. Até parecia cobra em canavial em dia de queimada...

—Tânia, eu hoje estou mesmo muito contente. É que. . .

E Marta contou tudo a respeito do Mudinho, da briga com Ângela, da surpresa de seu pai, da declaração de Agenor.

—Então era esse o seu segredo, né, sua sapeca?

—Era, Tânia. Você não está chateada comigo, está?

—Chateada por quê?

—Por eu guardar este segredo até hoje...

—Chateada coisa nenhuma. Eu possa lhe dizer uma coisa muito importante?

—Diga...

—Lembra-se de que ainda outro dia eu dizia que você estava em transformação, que deixara de ser menina, mas que ainda não era mulher adulta?

—Sei, eu me lembro.

—Pois o que você acabou de me contar, demonstra que deixou de ser uma menininha para realmente tornar-se mulher.

Marta sorriu, acanhada. Mas notou que o sangue não lhe subira às faces. Finalmente, sentia-se adulta, mulher.

21

MARTA É ROUBADA

- Que é isso, seu Pedrosa?—Marta reclamou, na fila do pagamento.—Eu cortei o mesmo tanto de toneladas que na semana passada e estou recebendo menos?

—Tá achando que eu errei nas contas, Mudi... Quer dizer, Marta!

—Achando não. Errou sim. Pois eu cortei o mesmo tanto e recebo menos?

—Acontece que aqui comigo mulher recebe menos que os homens, não sabe não?

—Mas como, se eu trabalhei mais do que muito homem barbado? Tenho que receber igualzinho o que recebi na semana passada. . .

—Eu acho que mulher tem que receber menos e acabou —o gato foi se irritando.—E já chega que você ficou me enganando, vindo fantasiada de homem só pra ganhar mais. . .

- Fantasiada de homem?—Marta também irritou-se.

- É sim, senhora, fantasiada de homem, tentando me enganar. Pensa que eu sou bobo?

—Aquilo era problema meu, muito meu. Não me fantasiei pra enganar ninguém. Eu... eu...

E Marta, de ódio, não conseguia dizer mais nada.

—Se era problema seu, o meu é pagar o combinado. Trato é trato: mulher comigo ganha menos e acabou... — Pedrosa dava por encerrada a discussão, enquanto afastava Marta, chamando o próximo. No fim, ainda ameaçou: —E se resmungar, segunda-feira não sobe no caminhão. Nem no meu e nem de nenhum gato.

Roubada. Assim Marta sentiu-se, ao sair da fila. Roubada e, o pior, sentia-se impotente contra aquele roubo descarado, feito na frente de todo mundo. Sua vontade era denunciar o Pedrosa, mas denunciar a quem? Mulher, agora ela caía em si, ganhava mesmo menos que os homens. Pois ela não escutava sempre as queixas de dona Adelaide e de dona Margarida?

Agenor, que já estava namorando Marta e a esperava na porta do armazém, quis saber o que tinha acontecido.

—Que foi, Marta? Vi você discutindo com o gato...

—Fui roubada, Agenor.

—Como assim? Não pagaram o certo?

—Não...—e Marta contou o ocorrido.

—É o que eu digo, Marta—Agenor tentou acalmá-la —Se a gente não se unir, eles vão continuar roubando das mulheres, mas também dos homens, porque a gente não anota nada, não sabendo quanto cortou de cana por semana...

—Mas tá errado, Agenor—Marta controlava-se para não chorar.

—Eu sei que está, Marta—Agenor pediu calma, vendo muito ódio em seu olhar.—Agora não adianta ficar nervosa.

—Gato sem-vergonha!—Marta rilhou os dentes, olhando em direção ao armazém.

—Agora você compreendeu o que é ser bóia-fria, Marta. Tô vendo isso nos seus olhos.

—O que é que a gente faz, então?—Marta estava desconsolada.

—Posso fazer um convite?—Agenor sugeriu.

—Convite?

—É um convite. Hoje tem reunião lá no sindicato. Geralmente as mulheres não gostam de ir. E quando vão, não abrem a boca. Mas é só discutindo juntos que a gente vai poder tomar uma atitude.

Quando, em casa, Pedro ficou sabendo que Marta tencionava ir à reunião, quis impedir.

—Nada disso, menina. Lugar de mulher é em...—ele ia dizer "volta do fogão", mas corrigiu em tempo: —casa.

—Mas pai, hoje eu fui roubada, justamente porque eu sou mulher. A gente precisa acabar com isso de homem pra cá, mulher pra lá. Ou fui roubada e preciso denunciar isso.

—Mas lá é lugar de homem, menina!—Pedro ainda insistiu.

—Lá é lugar de quem é injustiçado, roubado como eu fui. Vendo que não iria conseguir movê-la, Pedro aceitou que Marta fosse.

—Tá bom, tá bom—ele disse, a contragosto—, mas depois não reclame...

À noite, logo depois que Binão Branco, o presidente do sindicato, abriu a reunião, falando sobre o aumento da frequência dos participantes, o Renélio pediu a palavra.

—Eu quero ler uma carta que um dos mineiros me entregou na hora do almoço, meio escondido, lá no canavial onde nós estamos cortando cana...

—Pode ler, Renélio—Binão Branco autorizou o rapaz.

A carta, escrita em letra sofrível, de quem mal terminou a segunda série do primeiro grau, falava das péssimas condições em que viviam mais de trezentos homens, indo e vindo dos canaviais em caminhões lotados, sendo mal alimentados, amontoados em beliches, dentro de cômodos frios e sujos, num barracão, em uma das usinas da região.

—Isso tá parecendo aquelas histórias de quem tá sozinho numa ilha e bota uma mensagem numa garrafinha e solta no mar... —Juarez comentou, quebrando o silêncio que ficou no ar, ao término da leitura da carta.

—Mas se a gente não se unir, nós estaremos mesmo sozinhos numa ilha—Renélio falou.

Logo em seguida, Agenor pediu a palavra:

—Eu queria que a Marta contasse o que aconteceu hoje com ela...

A princípio, Marta ficou meio inibida por ter que falar diante de todos. Mas, lembrando-se da desfeita e do roubo que sofrera naquela manhã, tomou fôlego e desabafou.

—Hoje eu fui roubada no acerto da semana. Eu cortei o mesmo tanto de tonelada do que na semana passada e recebi bem menos. Pois quando eu era homem...

Todos riram do jeito despachado de Marta dizer aquilo. Isso serviu para deixá-la à vontade, adquirindo confiança no que tinha a dizer. Ela continuou.

—Pois quando eu era homem, eu recebia um tanto. Agora que sou mesmo mulher, que passei a cortar cana como mulher, tão me pagando menos, pelo mesmo tanto de cana cortada.

—A Marta tem razão—Margarida opinou.—Eu não gosto de abrir a boca, mas agora eu vou falar, já que a Marta tá explicando o problema dela. O problema dela é o de todas as mulheres. As mulheres sempre são roubadas. É preciso que os homens deixem o machismo de lado, pra gente se unir.

—E se unir como feixe de cana—Marta retomou, lembrando-se do Agenor. O fato de Marta falar, seguida por Margarida, também incentivou Adelaide.

—Eu queria aproveitar, já que as companheiras tão falando, e dizer umas palavrinhas também—Adelaide pediu a palavra.—O Renélio, aqui presente—e ela apontou à sua esquerda—, estava no acidente que aconteceu em Pitangudras. Nesse acidente... — Adelaide começou a ficar com a voz embargada—nesse acidente eu perdi meu finado marido, o Joaquim, e a minha filha, a Alvina.. .

Adelaide não conseguiu terminar o que tinha para dizer. As lágrimas impediram que ela continuasse.

Diante do silêncio momentâneo que o seu pranto gerou, Pedro pediu a palavra.

—E o pior é que nós não temos direito algum. A dona Adelaide, eu sei, não recebeu nada. A gente não tem carteira assinada, nenhum direito. E os gatos ainda roubam da gente na tonelada, no contrato que é só de boca, só de conversa...

—E não é só isso não, seu Pedro—Agenor completou. —A gente fica amarrado nele, com esse negócio de vale, de fiado no armazém...

—Então, o que a gente deve fazer?—Binão Branco falou, sabendo que era chegada a hora de tirar uma resolução, como nas reuniões anteriores.

- O certo era todo mundo parar de cortar cana—alguém sugeriu.

—Isso a gente fala em toda reunião. Mas se parar só meia dúzia, não resolve nada... — Binão Branco retomou. —O certo é parar todo mundo. A gente precisa entender que, se não se cortar cana, não se mói. Não moendo, eles tão perdidos. . . Na verdade, a força lá com a gente, a maioria...

Naquela semana inteirinha, nas conversas de botequim, nos caminhões, nos canaviais, o assunto era um só: paralisação.

Se no começo a idéia eram frases veladas, feitas em sussurros, quase cochichos, no final da semana já se falava abertamente, sem medo de que alguém escutasse.

—Tá dando mais não, pessoal. Olha os meus braços como estão feridos de tanto baldear cana nas sete ruas...— compadre Mané, na reunião do sábado seguinte, mostrava sua situação.

—Além disso—alguém se levantou com um recibo de água na mão—, tem essa roubalheira da conta de água.

—Eu pensei que era só lá em casa que a Sabesp tinha errado nas contas...

-Não era não. Todos estavam reclamando da Sabesp, a companhia que fornecia água para a cidade.

De fato, as contas de água, recebidas no final daquela semana, estavam reajustadas muito acima das tabelas normais.

Na segunda-feira, a paralisação estava iminente. Isso refletia-se nas conversas, nos olhares, na indisposição de todos os milhares de bóias-frias de Guariba.

Na virada da tarde, no canavial onde as turmas dos gatos Pedrosa e Mendonça trabalhavam, justamente onde estavam Pedro, Marta, Agenor e os outros, a coisa explodiu. Explodiu e se alastrou como fogo em dia de queimada: rápido e rasteiro.

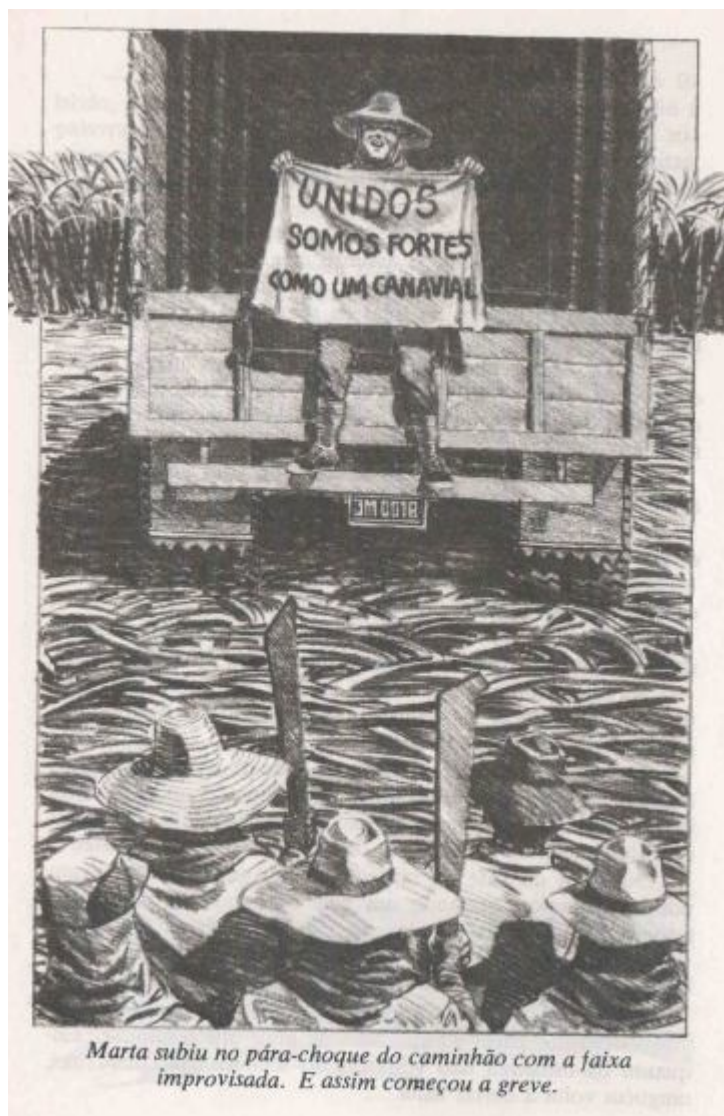
Na hora do café da tarde, hora em que todos paravam por uns minutos, tomando um gole apressado de café, para retomarem o serviço, alguém propôs que parassem de vez.

Bastou apenas a proposta para que fosse acatada imediatamente.

Alguém subiu no capô de um dos caminhões e gritou forte:

—Vamos parar agora. Não dá mais pra continuar. Enquanto os usineiros não voltarem ao sistema das cinco ruas, ninguém volta a cortar cana. . .

O grito, no silêncio da tarde, ecoou como uma bomba. Os que estavam mais próximos do caminhão, já de podão no ombro, foram se aproximando.



Agenor, vendo que a coisa ia pegar para valer, saiu por entre as ruas de casa, convocando todo mundo a se aproximar.

—Vamos parar, peãozada. É pra todo mundo ir pra junto daquele caminhão...—e Agenor apontava onde os bóias-frias iam se ajuntando.

De lá de cima do caminhão, já não era apenas um, mas vários bóias-frias que tomavam a frente da paralisação.

—Chega de ser explorado, de ser transportado que nem gado, de ser roubado. A gente quer os nossos direitos... — um deles discursava, inflamado.

Não era nem preciso Agenor convocar o resto dos bóias-frias. Os que estavam mais afastados, como Marta e algumas mulheres, vendo a movimentação perto do caminhão, chegavam, apressados.

—Dona Adelaide—Marta pediu, todas as mulheres já perto do caminhão. — Empreste seu avental. Vamos fazer uma faixa com ele. Joana, pede pra Ângela o batom que ela sempre traz na bolsa...

Naquele momento, era preciso superar as rixas, as briguinhas, os desentendimentos, mesmo amorosos. Havia algo muito mais importante do que ciúmeiras de namorados.

—Mas faixa como, Marta?—Adelaide queria saber o que Marta tinha em mente.

—Assim, olha!—e Marta, estendendo o avental no chão, tomou o batom que chegou às suas mãos e começou a escrever uma frase.

Quando terminou, ela subiu no pára-choque do caminhão. Segurando nas pontas do avental, Marta ergueu os braços, acima da cabeça, desfraldando a faixa improvisada.

E, naquela bandeira adaptada, todos puderam ler o que Marta escrevera com o batom de Ângela:

UNIDOS, SOMOS FORTES COMO UM CANAVIAL.

No meio da turma, que erguia os podões para o ar, num grito de liberdade e revolta, um rapaz sorriu, sabendo que aquela bandeira era a adesão completa de Marta. O rapaz, não preciso que se diga, era Agenor.

23

NÃO TEM HOMEM AQUI, NÃO?

Na volta para a cidade, todos traziam no rosto o sorriso vitorioso.

Não adiantou o feitor geral das turmas ameaçar todo mundo.

Quando foi avisado da paralisação, ele chegou nervoso, ameaçando a todos.

—Se não voltarem pras ruas, eu mando os caminhões de volta, vazios. . .

A ameaça era inútil. Os caminhões e os motoristas estavam rodeados pelos bóias-frias, donos da situação.

Quando viu que estava praticamente sozinho contra centenas de bóias-frias, o feitor entendeu que o melhor era ceder um pouco:

—Tá bom, povão. Falta pouco tempo mesmo pra terminar o dia—ele justificou a atitude que era, a contragosto, obrigado a tomar.—Vocês tão com a cabeça quente hoje. E depois, já trabalharam bastante. Vamos parar por hoje. Todo mundo pros caminhões...

Era uma maneira honrosa de sair-se da situação.

A notícia do que acontecera ali, no entanto, espalhou-se rapidamente. Nem bem chegaram à cidade, ainda com o dia em andamento, a novidade correu célere.

À medida que iam chegando os outros caminhões, logo depois, todos comentavam a paralisação vitoriosa da tarde.

À noite, já se sabia que, no dia seguinte, todos os bóias-frias de Guariba parariam.

E isso foi sentido logo na manhã seguinte, pelo padeiro da cidade, André.

Como sempre fazia, ainda de madrugada, ele começou a distribuir o pão e o leite pela cidade. Ao passar pelo João de Barro, em direção à Vila Amorim e à Vila do Válter, viu que o melhor seria voltar para a cidade, fechar a padaria e aguardar os acontecimentos. Por onde passava, ele via os bóias-frias em pé de guerra. Na saída da cidade, comesses eram formadas rapidamente para impedir que os caminhões conseguissem atingir a estrada, rumo aos canaviais. Nos pontos de bóias-frias, o pessoal foi chegando e se encostando nas paredes, se agachando ainda no escuro, sem pressa. Na mão, muitos traziam apenas o podão. Haviam esquecido a marmita, ou era de propósito?

No ponto do gato Pedrosa, a situação não era diferente. Havia no ar algo mais do que o cheiro fétido do garapão de sempre, a calda da fabricação do álcool.

Um de seus motoristas, justamente o encarregado de pegar os bóias-frias do ponto do armazém do Guida, vendo que a situação estava tensa, ainda tentou negociar.

—Vamos lá, peãozada. O feitor já esqueceu do que vocês aprontaram ontem. Mas se repetirem a dose, ele dispensa todo mundo. . .

—Pois pode dispensar. Aqui neste ponto, ninguém sobe... —uma voz respondeu por todos.

—Quem tá resmungando?—o motorista retrucou. Como ninguém assumisse a paternidade da frase, ele voltou à carga. —Se não tem coragem de se mostrar, por que fica falando pelos outros?

—Ninguém tá falando pelos outros não, companheiro. Tá todo mundo aqui, mas ninguém sobe hoje não. . .— Pedro, que conseguira mudar-se para a turma do gato Pedrosa, retrucou em resposta.

—Vão perder o dia e o emprego, seus safados— o motorista alterou-se.—Eu vou comunicar a seu Pedrosa e aos usineiros. Eles mandam trazer gente de Minas e da Bahia pela metade do preço de vocês.

—Quem tinha que vir já veio e foi embora, companheiro. Muitos mineiros que ficaram é porque não têm como ir embora, você sabe disso...

O motorista, vendo que não conseguiria nada, entrou no caminhão e saiu à procura de Pedrosa, que ficara de ir mais tarde, na camioneta.

Logo depois, o caminhão retornava.

Mateiro, calculista, Pedrosa desceu como um gato mesmo, quase se espreguiçando, lerdo e sistemático. Não foi direto conversar com os bóias-frias. Preferiu bater nas rodas do caminhão, como se estivesse à procura de um possível pneu vazio. Desceu como se não tivesse acontecido nada de anormal.

Quando deu por finda a inspeção, emitiu um cumprimento seco:

—'Dia! . . .

Todos engrolaram um cumprimento surdo, distante.

—Cumé, tão prontos pra gente ir embora?

O silêncio da madrugada respondeu por todos.

—Meu motorista contou da indisposição de alguns, mas eu não quis acreditar. Tá certo que no meio tem gente de corpo mole, que não gosta de agarrar trabalho pesado e que eu tenho levado por caridade, porque eu sou um homem caridoso. Mas tem gente de valor. Seu Pedro, por exemplo, homem que tem família, tem compromisso. Vai deixar os parentes passando fome, seu Pedro?

Pedro ficou sem jeito por ser identificado no meio dos que estavam por ali.

—Vamos deixando de criancice, seu Pedro. O senhor é do trabalho, homem maduro. E logo agora que tinha passado pra meu caminhão, e eu já tinha conseguido dos homens um posto melhor pro senhor.. .

—Que posto, seu Pedrosa?

—Posto de fiscal. Gente trabalhadora comigo sempre tem vez. . .

—Fiscal?—Pedro espantou-se com a notícia.

—E por que não? O senhor é honesto, não rejeita serviço, não é baderneiro, não faz corpo mole. . .

—Isso é verdade, seu Pedrosa—Pedro respondeu, meio sem jeito.—Eu trabalho pra valer e...

—E, então, pra que trocar o certo pelo incerto, homem?

Pedro sabia que isso era uma manobra de Pedrosa para desestabilizar, para minar o grupo de bóias-frias. Mas não esperava um convite daqueles. Ser fiscal era a sua oportunidade. Com o tempo, poderia vir a ser promovido a feitor, sendo registrado na usina, para valer, com casa, comida; e, com o tempo, voltaria a ter o seu pedaço de terra...

—E você, Agenor? Sempre tão disposto, tão trabalhador. . .

Agenor também sentiu-se intimidado.

Pedrosa não falava no plural. Ia apontando um por um, contando particularidades desse, feitos daquele, dividindo o bloco compacto.

—Ora, ora, gente! Vocês precisam seguir o exemplo aqui da Marta. A melhor cortadora de cana da região. . .—Pedrosa parou, sorriu e continuou: —Ou devo dizer Mudinho?

Alguns riram da alusão feita pelo gato.

—Pois eu desafio os homens—Pedrosa falou, disposto, certo de que conseguiria quebrar o ânimo da turma.—Quem conseguir acompanhar a Marta no corte de cana, vai ganhar dobrado a tonelada. Que é que vocês acham?

Aquilo mexeu com todos. Ganhar dobrado era muito interessante.

—E tem mais. Ontem, disseram que vocês pararam antes da hora. Pois eu vou fazer de conta que não escutei nada, ninguém me contou isso...

O silêncio foi quebrado por um zunzum.

—Nesta turma só tem gente trabalhadora— Pedrosa insistia—, seu Pedro, Marta, Agenor, dona Adelaide, Renélio . . .

Intimidados com a presença do gato e com seu jeito simpático— coisa que nunca tinham visto—, alguns se adiantaram, fazendo menção de subir ao caminhão.

Vendo isso, Marta lembrou que, por ser mulher, era sempre roubada no seu pagamento. Tomando coragem, ela adiantou-se, impedindo que subissem. Nervosa, mas decidida, ela segurou-se na escadinha do caminhão, contendo o primeiro da turma.

—Ninguém vai subir não...

Alguns protestaram, querendo forçar a passagem.

—Ninguém sobe mesmo— Pedro adiantou-se, ao ver a filha tomar a frente, recuperando-se da surpresa do falso convite feito por Pedrosa.

—Cadê os homens desse caminhão? Não tem homem aqui, não? São uns maricas?— Marta gritava para valer.

A maneira como ela impediu a subida do primeiro esfriou o ânimo dos demais.

—Se tão querendo pagar dobrado, é porque tão vendo que nós estamos ficando fortes. Pra que fraquejar agora?— ela insistia.

—Isso mesmo— Agenor veio se colocar ao lado dela— Marta tem razão. Hoje tá combinado que ninguém vai subir pra cortar cana. E ninguém vai mesmo...

Vendo ainda que nem todos estavam convencidos, Marta disse bem alto:

—É agora que os homens têm que mostrar que são machos. Enquanto tão enchendo a cara nos botecos e armazéns no fim do dia, todo mundo faz e desfaz. Lá é fácil dizer que dão um jeito nos gatos e nos feitores, que vão fazer isso e aquilo. Quero ver agora quem é macho de passar por cima do meu cadáver, porque daqui eu não arredo pé...

Aquilo realmente mexeu com o moral dos homens. Se Agenor ou Pedro tivessem dito aquilo, não teriam provocado o efeito que provocou Marta, uma mulher, a chamá-los às falas.

—Marta tem razão!—Adelaide gritou, colocando-se a seu lado.

Agenor, vendo a firmeza das duas mulheres, compreendeu que ninguém subiria. Então, propôs:

—Já que ninguém vai mesmo subir, não vamos ficar por aqui. Vamos ajudar o resto, parando quem está indeciso— e, olhando para Marta, com ternura, concluiu: —Se não, vai correr a notícia de que no caminhão do Pedrosa quem fez a greve foram as mulheres...

A GREVE

Saindo dali, eles foram se juntando aos que encontravam pelo caminho.

—Tá todo mundo indo em direção da pracinha da matriz, lá perto do estádio...—alguém disse.

—Então vamos pra lá também... —Juarez convocou todo mundo.

A pracinha Cônego Celso, da matriz, durante os dias da semana vivia às moscas, todos ocupados nos canaviais. Mas naquela manhã de terça-feira, ela acordou assustada com tanta gente nas calçadas; mais até que em feriado, com direito a retreta no coreto, desfile da escola municipal e fanfarra do colégio abrindo o cortejo sob a batuta e regência do pararatibum.

Só que, no lugar do sorriso fácil de um dia festivo qualquer, todos traziam os semblantes carregados, as fisionomias apreensivas.

Totalmente mobilizados, os bóias-frias cruzavam os braços, à espera dos acontecimentos. Bastaria apenas uma ordem e todos eles, não mais seres individuais, mas uma massa compacta, acatariam a palavra de ordem, a voz de comando.

E foi o que houve. Quando Agenor, Marta, Pedro, Adelaide, Margarida, Renélio, Juarez; enfim, toda a turma do caminhão do Pedrosa estava ainda na rua Rui Barbosa, a um quarteirão da pracinha, notaram um corre-corre, uma movimentação estranha.

—O que está acontecendo, Tião?—Agenor perguntou ao amigo, que estava na porta da farmácia, as portas semicerradas.

—O povão começou a se reunir aí na pracinha, Agenor. Todo mundo bravo com os preços da água, da tonelada de cana e do corte de sete ruas. Aí a raiva foi crescendo, todo mundo falando ao mesmo tempo, até que ninguém mais segurou. Quando eu vi, já estava a confusão formada, muita gente querendo quebrar o prédio da Sabesp, a companhia de água. . .

—Quebrar a Sabesp? — Agenor perguntou, enfático.

—É, todo mundo correu pra lá. Eu vim pra farmácia porque a coisa vai ficar preta.

Ao se aproximarem do prédio da Sabesp, Agenor e os outros notaram que a multidão já havia derrubado a porta. Enfurecidos, os bóias-frias derrubariam o que encontrassem pela frente.

—Violência gera violência, seu Pedro —Agenor estava espantado com o tumulto.

—Não tem jeito de segurar, Genô. E você tem razão: violência gera violência. Ela foi gerada antes, por essa situação toda de miséria...

Transformada momentaneamente no judas da sua ira, em pouco tempo não restava pedra sobre pedra, tijolo sobre tijolo do prédio da Sabesp.

Logo em seguida alguém chegou correndo, avisando que uma multidão estava invadindo o supermercado, o único da cidade, do outro lado da praça.

- Tão saqueando o supermercado do Cláudio Amorim, turma! Vamos pra lá...

Seria inútil tentar impedir mais aquele ato de revolta, conter o ódio acumulado em anos de sofrimento.

No supermercado, não ficou uma latinha em pé para contar a história. A multidão enfurecida, esfomeada, levou o que pôde carregar. Homens, mulheres e crianças disputavam cada pacote de açúcar, de arroz, como se fosse um troféu de guerra.

Na pracinha, a aglomeração de milhares de bóias-frias continuava tensa.

O pequeno contingente policial era insuficiente para controlar a situação.

De repente, no meio do caos gerado pela destruição da Sabesp e saque ao supermercado, houve disparos feitos pelos policiais. O estampido dos tiros, em vez de conter a multidão, criava mais tumulto, mais correria entre o povo.

Apenas um homem não correu. Ficou estendido na escadaria do Estádio Municipal, na esquina da pracinha, sem vida.

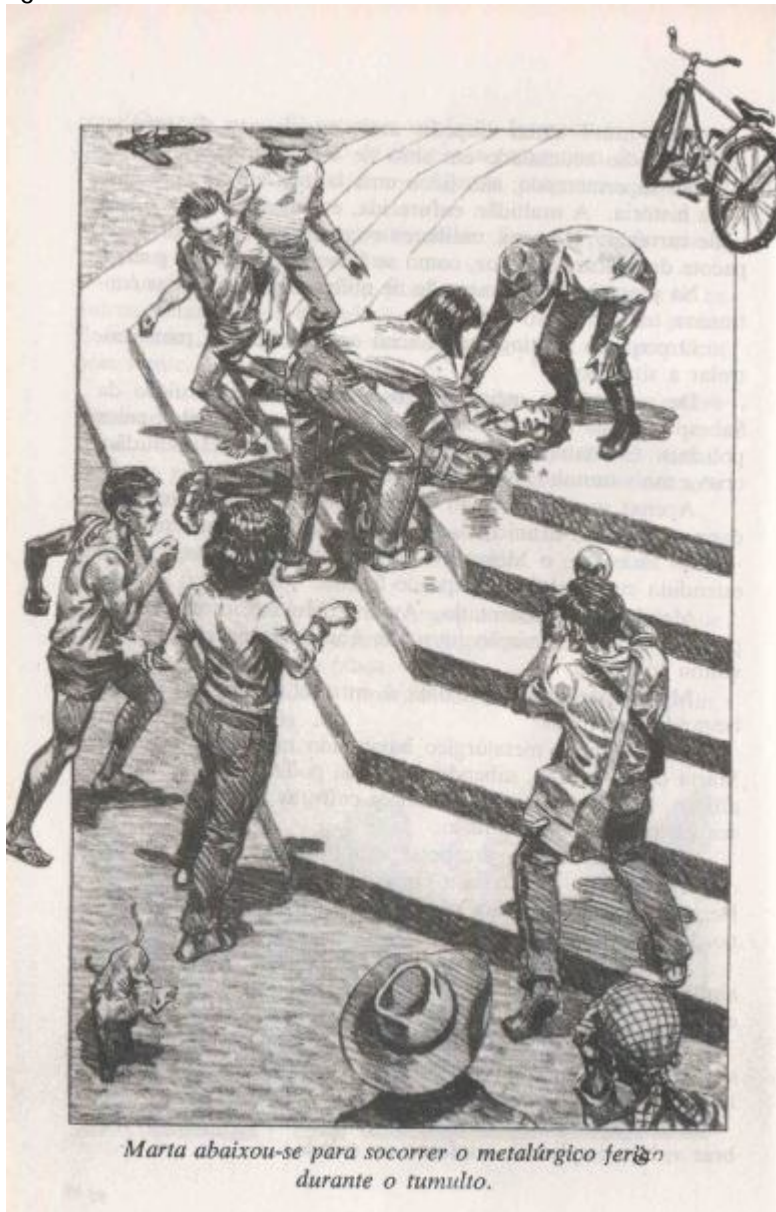
—Balearam o Meloni!—alguém gritou, vendo o corpo estendido em frente ao campo de futebol.

Metalúrgico aposentado, Amaral Meloni saíra de casa para ver a movimentação inusitada que havia na praça. Não voltou com vida.

Marta, que estava próxima à entrada do campo, correu, tentando socorrê-lo.

Vendo que o metalúrgico havia sido mortalmente ferido, Marta desesperou-se, sabendo que nada podia fazer. E, na sua aflição, tomou a cabeça do homem entre as mãos, como se o seu gesto pudesse reanimá-lo.

Sem que Marta percebesse, um fotógrafo disparou sua câmera. A foto, que daria a Osmar Cades o prêmio Wladimir Herzog, sairia na primeira página de todos os jornais do Brasil, no dia seguinte.



E, no dia seguinte, a situação continuava tensa. E ficou ainda pior com a chegada da tropa de choque vinda de Araraquara.

A multidão, que não arredava pé da praça, voltou a ficar enfurecida. A presença do forte efetivo policial acirrava ainda mais os ânimos.

Furiosa, a multidão começou a depredar, virar carros, quebrar vidros, implantar o inferno na cidade.

De pacata e sonolenta, Guariba passou a ser o palco de verdadeira guerra civil, onde não faltaram tiros, disparos de bombas de gás lacrimogêneo, correrias, prisões e espancamentos generalizados.

Quando a tropa de choque começou a agir, soltando bombas de gás e disparando tiros, Pedro, Marta, Agenor, Juarez e os outros bóias-frias estavam encurralados perto da matriz.

Momentaneamente, os tiros pararam, e o grupo fez menção de se abrigar em lugar mais seguro, fora do alcance dos tiros.

—Vamos correr, gente— Pedro ordenou a Marta, Agenor, Juarez e aos outros.

Tão logo começaram a correr pelo meio da praça, Marta pressentiu que iria ocorrer uma desgraça. Vendo um soldado apontar a arma, ela só teve tempo de empurrar o pai, que foi ao solo.

Fazendo uma careta de dor, Pedro levou a mão ao braço direito.

—Me pegaram, Marta! Corre, filha!

Abaixando-se, Marta procurou proteger o corpo do pai com o seu, não arredando pé de onde estava.

—Corre, minha filha!—Pedro voltava a ordenar, inutilmente.

—Não corro não, pai. Agenor, ajude aqui—ela pediu, desabotoando a camisa do pai.

—O jeito, Marta, é amarrar uma tira acima do ferimento. Assim o sangue pára— Agenor falou, demonstrando que tinha prática com ferimentos.—Deixa que eu faço isso, Marta. No canavial, quando alguém se machuca, eu é que faço às vezes de enfermeiro...

—Deixa de besteira, meninos. . . Eu te mandando vocês correr. . .

—Pára com esse mandonismo, pai. Agora o senhor é quem tem que obedecer. . .— Marta quase gritou, nervosa.— E agora, trate de ficar quieto que vai doer. . .

-Genô, leva essa teimosa pro outro lado da praça...

—Calma, seu Pedro. Correr agora é pior. É melhor a gente ficar parado e quieto. Se levantar, toma mais bala. E depois, o certo é amarrar o braço pro senhor não perder muito sangue. . .

Quando perceberam que o tiroteio havia parado e que as pessoas começavam a circular pela praça, Agenor e Marta ajudaram Pedro a se levantar, deixando a praça. Mesmo cambaleando, seguiram em direção ao hospital.

Lá, já havia outros feridos; muitas pessoas machucadas a bala, entre eles Isaías Alves, Antônio de Oliveira e o próprio Juarez, todos da turma do Pedrosa. No final, terminado o tumulto, podiam-se contar 29 feridos.

—Me pegaram também, Agenor— Juarez desabafou, mostrando a perna esquerda baleada.

Por sorte, Pedro foi atendido prontamente. O estado dele não era tão grave, mas requeria cuidados. Da ferida provocada pela bala, saía muito sangue.

—Será que ele vai ficar bom, Agenor?—Marta, passado o sufoco, quase chorava. Ela que fora tão calma, tão prestativa até ali, começava a dar sinais de medo.

—Não tenha medo, Marta—Agenor consolou-a, dando-lhe um abraço carinhoso.—Tudo vai terminar bem.

25

UM TIRINHO À-TOA

Pedro foi operado às pressas. O caso, como o médico esclarecera, exigia urgência.

—E é preciso fazer transfusão de sangue. Só que o tipo de sangue do paciente é O negativo e nós estamos com falta. . .

—Pode tirar de mim, doutor—Agenor prontificou-se.

—O seu é O negativo?—o médico perguntou.

—Não sei, mas é sangue vermelho como de todo mundo. . .

—Precisa ser O negativo, rapaz!

—O meu acho que é, doutor—Marta adiantou-se.

—Tem certeza?

—Não tenho, mas uma vez eu escutei minha mãe falar qualquer coisa parecida...

—Então vamos entrar naquela sala—e o médico apontou uma no corredor.—Você, rapaz, pode esperar aqui mesmo. E reze para o sangue dela ser do mesmo tipo do pai.

Agenor ficou aguardando na recepção. Não demorou muito, Zefa, trazida pelo compadre Mané, entrava no hospital.

—Como lá o Pedro, Genô?—Zefa foi perguntando, demonstrando nervosismo nas palavras.

—Tenha calma, dona Zefa. Ele está bem...

- Mas onde está ele?

- Está sendo operado, dona Zefa.

- Operado? Então é grave...

- Não é não, dona Zefa. O tiro pegou no braço...

- Tiro?—Zefa quase gritou, surpresa.

—É, ele levou um tiro... —Agenor compreendeu que compadre Mané deveria ter dito outra coisa para a mãe de Marta.

—Mas o compade me disse que. . .—e Zefa olhou para o lado, procurando, com o olhar, a figura do padrinho de Marta.

—Eu tinha dito que o Pedro levou um tombo na praça e que quebrou o braço —ele se justificou, olhando para Agenor.

—Não deixa de ser verdade, dona Zefa—Agenor tentava acalmá-la.—Foi um tiro de raspão—disse, procurando amenizar o caso, como se dissesse "foi um tirinho à-toa".—Seu Pedro vai ficar bom...

—E Marta, cadê a Marta?—Zefa perguntou de supetão, lembrando-se da filha.

—Está lá dentro. Seu Pedro vai precisar de um pouquinho de sangue e o dela parece que é do mesmo tipo do dele. . .

—É sim —Zefa confirmou—o sangue do Pedro é do mesmo tipo do da Marta.

À tardinha, quando Pedro já havia sido operado e estava no quarto, embora inconsciente, por causa da anestesia, Tânia, a professora de Marta, veio à sua procura.

—Tânia, que bom que você veio...—Marta retribuiu o abraço carinhoso da professora.

—O Agenor passou lá por casa e me contou sobre o que aconteceu a seu pai.

—E onde está ele, Tânia?—Marta perguntou, lembrando-se do namorado.

—Está correndo pra cá e pra lá, ajudando o pessoal nos piquetes, atarefado.

—Tenho medo que ele vá se machucar também...

—Agora está tudo calmo, Marta. A cidade está cheia de policiais, mas está mais ou menos calmo agora.

Já era quase noitinha.

—Marta, vamos até minha casa—Tânia convidou.— É aqui pertinho e você e sua mãe precisam jantar.

—Não precisa não, Tânia—Marta agradeceu.

—Mas como não precisa? Você não deve ter comido nada até agora, não?

Era verdade. Marta saíra de madrugada de casa. E, como sempre, só tomara um café preto e comera uma fatia de pão. Durante o dia todo, com a agitação na cidade, o tumulto na pracinha da matriz, a correria, o pai baleado, a transfusão urgente, ela não almoçara e estava sem comer nada. Havia até se esquecido disso. Mas com a lembrança da professora, sentiu fome.

—Você vai primeiro. E depois, a dona Zefa vai...

—Não precisa se preocupar, professora—Zefa agradeceu.—A Marta é que precisa comer, porque ela deu sangue pão pai. Eu me viro...

—Será um prazer, dona Zefa. E se vocês não aceitarem, eu vou tomar isso como desfeita. Vamos, Marta?

Antes de aceitar o convite tão generoso que a professora insistia em manter, Marta pediu à mãe.

—Promete que vai guardar segredo da transfusão, mãe?

—Por quê, filha?

—Não quero que o pai fique sabendo...

—Tá bom, filha. Eu não conto. Mas agora, vai com a professora, vai!

Na rua, tão logo começaram a andar, Marta teve medo. A praça estava coalhada de viaturas policiais e soldados fortes mente armados.

—Não tenha medo, Marta—a professora abraçou-a, vendo que sua aluna estava com medo de andar pelas ruas —Agora está tudo calmo...

Marta comeu como nunca. Estava mesmo morrendo de fome.

—Não falei, Marta? Não falei que você precisava comer —a professora sorriu, satisfeita em poder ajudar.—Agora vamos voltar ao hospital, que a sua mãe precisa comer também. . .

Marta fez o revezamento com a mãe.

—Você fica com seu pai, Marta?

—Fico sim, mãe. Pode ir tranquila. A senhora precisa comer. . .

Tânia e Zefa saíram do quarto, deixando Marta sozinha, tomando conta do pai.

Absorta, Marta não percebeu que, tão logo sua mãe e a professora saíram, alguém entrara no quarto. Virando-se sem querer, ela deparou com Tião, encostado no umbral da porta.

—Tião, você por aqui?—Marta assustou-se.

—Hoje também não teve aula por causa da greve... E como eu fiquei sabendo que o seu pai tinha sido baleado... Sei que estou incomodando, mas... —Tião falava timidamente, como se pedisse desculpas por estar ali.

—Puxa, Tião. Incomodando nada. Foi muito bom você ter vindo...

—Se eu puder ajudar em alguma coisa...

—Agora só resta esperar, Tião. Meu pai ainda não voltou a si, mas é questão de tempo...

Com a conversa de Tião e Marta, Pedro, que até ali estivera meio inconsciente, meio sonolento, foi recobrando os sentidos. Semidesperto, escutava as vozes, embora muito distantes, como se viessem de longe.

Pedro fez menção de chamar alguém, mas não tinha forças. O jeito foi ficar quieto, escutando as vozes. E Pedro acabou escutando justamente o que Marta queria manter em segredo.

—Ele teve que ser operado?—Tião perguntou.

—Teve sim, Tião. Mas já está bom. . .

—O Agenor me disse que você doou sangue pra ele e. . .

—É, eu doei, mas. . .—Marta tentou mudar do adulto.

—Foi sorte você ter sangue O negativo. A gente conta nos dedos aqui em Guariba as pessoas que têm esse tipo de sangue. . .

—Marta!—Pedro conseguiu balbuciar, chamando a filha.

Sentindo que a sua presença incomodava, Tião resolveu despedir-se.

—Marta, eu vou indo. Se você precisar de algum remédio, alguma coisa, eu tô lá na farmácia. . .

Marta agradeceu, levantando-se.

Antes de sair, Tião ainda falou:

—Espero que seu pai melhore... E que também dê tudo certo entre você e o Agenor...

Sem se voltar, sem dar tempo para Marta dizer alguma coisa, Tião ganhou o corredor, indo embora.

—Marta!—Pedro voltou a chamar pela filha.

- Que é, pai? Não se esforce. Fique calmo...

—Marta, é verdade o que eu ouvi?—Pedro falava com dificuldade.

- O que o senhor ouviu, pai?—Marta tentava ganhar tempo.

- Esse negócio de. . . doação de sangue?

—É, pai. É verdade, sim. Foi preciso fazer transfusão de sangue no senhor. Estava perdendo muito sangue e...— Marta tentava desviar o assunto, sem achar uma saída.— Mas agora o senhor já está bem...

—E o sangue é o seu, filha?

—É, pai.

—Então tá correndo sangue seu nas minhas veias?

—Tá, pai.

—Mas é claro que tá... —Pedro falava emocionado, de olhos fechados, com medo de encarar Marta, com medo de deixar escorrer uma lágrima que estava se formando dentro dos olhos, dentro do coração.

Respirando fundo,- ele continuou.

—É claro que tá... Tanto tá correndo sangue seu nas minhas veias, como corre o meu nas suas... Pois eu sou teu pai. . .

-Claro, pai. -Marta também se emocionava.

—Pois até hoje eu tratei você tão mal. ..

Marta quis dizer alguma coisa, mas não conseguiu.

—Tratei você como se fosse uma inimiga. . . E em troca, você me salvou a vida duas vezes...

—Procura dormir, pai! O senhor tem que descansar... —Marta interrompeu-o.

26

TRÊS DIAS DE TENSÃO

No dia seguinte, pela manhã, Agenor apareceu para saber notícias sobre seu Pedro.

—Agora está melhor—Marta respondeu, espantando o sono, já que passara a noite toda em vigília, cuidando do pai. —A febre cedeu e ele dormiu bem. E lá fora, como estão as coisas, Agenor?

—Já conseguimos fazer os usineiros concordarem com cinco, em vez das sete ruas de cana que cortávamos...

—E o resto, Agenor?—Marta queria saber das outras reivindicações.

—Não vai ser fácil, Marta. Eles concordaram com alguns, mas em outros pontos não cedem. Hoje ninguém subiu nos caminhões de novo e a cidade ainda está cheia de soldados.

—Ontem, na casa da Tânia, ouvi dizer que a peãozada fala em botar fogo nos canaviais...

—Falam não. Já botaram. Por enquanto, só em um canavial. Mas vão pôr em todos se os homens não cederem. Bem, Marta, deixa eu ir que eu tenho um monte de coisas pra resolver..

—Cuidado, Agenor!—e Marta, num gesto carinhoso, levou sua mão ao rosto dele.

Agenor segurou a mão de Marta e, puxando-a para si, beijou-a ternamente, nos lábios. Era o primeiro beijo que eles trocavam. E a sensação que Marta sentiu foi bem diferente da vez em que Paulinho, muito tempo atrás, a beijara. No beijo de Agenor, Marta sentiu um não sei quê, nascendo não sei onde, vindo não sei como, uma dorzinha gostosa sem saber o por quê. Sim, porque era o seu primeiro beijo de amor.

Quando Zefa chegou, instantes depois, ainda surpreendeu Marta com os olhos fechados, imóvel, naquele gesto de quem acaba de ser beijada.

—Que é isso, criatura?—Zefa interrompeu aquele momento tão sublime.—Está aí parada no meio do corredor, sozinha, que nem estátua... O Agenor já está lá no meio da rua...

—Bem, é que... —Marta ficou desconsertada por ser descoberta pela mãe.

—É que vocês estavam de namorinho, não é?

Marta sorriu, recebendo um abraço afetuoso da mãe.

Naquela manhã, ninguém foi cortar cana. A cidade, portanto, amanhecia com o mesmo clima de tensão: o comércio fechado, a multidão perambulando pela praça e a presença ostensiva dos policiais eram os ingredientes necessários para a receita de novos distúrbios.

Pela manhã, as autoridades da cidade, mais os políticos que vieram tentar apaziguar os animas, junto com padre Braghetto, coordenador estadual da Comissão Pastoral da

Terra, tentaram, inutilmente, desmobilizar o forte policiamento de mais de duzentos soldados.

Mas os apelos foram em vão: o policiamento continuou ostensivo, o que gerou novos choques entre policiais e bóias-frias, espancamentos, correrias, novos feridos.

À tarde, Marta ficou sabendo, por intermédio de Agenor, que a polícia havia invadido o João de Barro bairro onde morava, para dispersar os bóias-frias.

—A coisa tá feia, Marta—Agenor contou.—A polícia desceu o cacete em quem estava na rua. Foi pancadaria pra todo lado. Até o padre Bragheto entrou no sarrafo, apanhando. Levou chute e tudo...

—Minha nossa!—Zefa persignou-se, em sinal de protesto.—Estão batendo até em padre?

—Pois bateram de propósito, dona Zefa.

No dia seguinte, o quarto dia de greve, os bóias-frias continuavam parados. Enquanto eles se reuniam em assembléia permanente no campo de futebol, o Estádio Domingos Baldan, a Prefeitura fornecia cestas de alimentos para a população dos doze mil bóias-frias parados.

Por outro lado, os acontecimentos de Guariba ganhavam as primeiras páginas dos jornais e os destaques dos noticiários da televisão, encorajando greves e paralisações em outras cidades. Em Bebedouro, Monte Alto, Barretos, Pontal, Sertãozinho, o movimento foi se alastrando como fogo na palha seca dos canaviais.

27

AGORA É QUE A HISTÓRIA COMEÇA

Naquele mesmo dia, enquanto no hospital, sob os olhares cuidadosos de Marta e de Zefa, Pedro recuperava-se e, no Estádio Domingos Baldan, os bóias-frias mantinham-se em assembléia permanente, em Jaboticabal, cidade próxima a Guariba, os fazendeiros e os usineiros sentavam-se com os representantes dos bóias-frias para discutirem os acordos a serem assinados.

Foi um dia inteiro de negociações, discussões acaloradas, lavagem de roupa suja.

Estavam presentes, além dos patrões e dos bóias-frias, os advogados de ambas as partes, os sindicalistas, os representantes do governo estadual e até o Secretário do Trabalho.

—Nós estamos mesmo importantes— compadre Mané comentou com Pedro, colocando-o a par das negociações em Jaboticabal.—Com a nossa parada, até os peixes graúdos, como o Secretário do Trabalho, teve que vir pra Guariba...

E depois de um dia inteiro de muita discussão, os patrões e bóias-frias entravam em acordo a respeito dos itens reivindicados pelos cortadores de cana.

A partir daquela data ficava estabelecido que as cinco ruas eram para valer, e não mais as sete, como queriam os patrões.

A partir daquela data, também, os bóias-frias seriam registrados, com carteira assinada, recebendo todos os mais básicos benefícios trabalhistas: férias, 13o salário, fim-de-semana remunerado, assistência médica e hospitalar.

Receberiam também todas as ferramentas e roupas de proteção, como macacões, luvas e tornozeleiras. De graça teria que ser também o transporte. Não só de graça, mas seguro, os caminhões tendo toldo e grades de proteção.

Quando, à tarde, no Estádio Domingos Baldan, os acordos foram todos lidos, um foguetório assinalou a vitória dos bóias-frias.

Agenor, logo no início da leitura, quando já sabia que eram vitoriosos, correu ao hospital para dar a boa nova a Pedro e Marta.

—Que foguetório é esse, Agenor?—compadre Mané, que estava na portaria, foi logo perguntando, ao avistar o rapaz.

—Ganhamos, seu Mané. Ganhamos!

—Entra logo lá pra dentro, então. Vai contar pro Pedro. Mas conta devagar que ele não tá ainda tão bom assim...

Agenor, antes de entrar no quarto, parou e, tomando fôlego, tentou acalmar-se da correria empreendida do estádio até o hospital.

Quando entrou no quarto, notou que Pedro melhorara bastante: estava de olhos abertos, com jeito de quem estava bom consciente.

—Como é, seu Pedro? Estamos precisando do senhor lá fora—ele gracejou.—Todo mundo comemorando e o senhor aí no bem bão?

—Bem bão?—Pedro tentou sorrir, repetindo o gracejo de Agenor.

—Seu Pedro, eu estou vindo lá do estádio e...

—Antes de falar qualquer coisa, Genô, eu queria aproveitar que você está aqui, mais a Zefa e a Marta, pra desabafar meu coração... —Pedro interrompeu a euforia de Agenor.

—Que desabafo, Pedro?—Zefa se aproximou da cama.

—Procure descansar, pai—Marta também se aproximou, sabendo sobre o que Pedro iria falar.

—Não, filha. Eu preciso abrir meu coração, passar a limpo o jeito que eu tenho tratado vocês. E pra começo de conversa, eu tenho que pedir perdão pra você...

—Pai—Marta queria evitar que o pai se emocionasse outra vez.—O senhor e eu já conversamos a respeito...

—Filha, eu preciso pedir perdão pra você, mas quero pedir na frente da Zefa e do Genô. Zefa, eu nunca disse isso de boca pra fora, mas no fundo eu sempre culpei a Marta da morte do Altair. . . Por isso, eu sempre tratei ela mal, fazendo pouco caso da presença dela, com essa judieira toda...

—Vê se descansa, criatura!—Zefa ainda tentou fazer com que Pedro parasse de falar.

—Eu preciso falar, mulher... —Pedro continuou. — E você, Marta, me deu três lições que nunca mais vou esquecer. . .

—Que lição, pai?

—Você mostrou que não fica nada a dever pro finado Altair. . .

—Esquece isso, pai...

—E depois, a segunda lição foi me salvar, lá na pracinha. . .

—O senhor é que tropeçou, pai!

—Não adianta desmentir, Marta. O empurrão que você me deu salvou minha vida e me acordou pra entender um monte de coisa errada que eu estava fazendo. . . Além disso, a terceira lição você me deu com a doação de sangue, me salvando de novo. . . Por isso, filha— Pedro procurou a mão de Marta, segurando-a com firmeza—, eu estou pedindo perdão. . .



Zefa, aos pés da cama, estava visivelmente emocionada, ao ver Pedro e Marta de mãos dadas, ele a chamando de filha.

Tentando disfarçar a emoção, Zefa foi até a janela. Instintivamente, abriu-a. Junto com a claridade que inundou o quarto, o som do foguetório invadiu o ambiente.

—Que barulheira é essa, Genô?—Pedro quis saber.

—Seu Pedro—Agenor disse, solene—, nós acabamos de vencer. O que o senhor está escutando, vem lá do campo de futebol. Tá todo mundo reunido. Acabam de ler os acordos da nossa vitória. De hoje em diante, vamos ter carteira assinada, todos os direitos trabalhistas e o aumento que a gente estava exigindo. Nossa luta acabou. . .

—Genô, meu filho, você quer saber a opinião de um velho ranzinza, que era machão e mandão? — Pedro perguntou, pedindo, com o olhar, a aprovação de Marta e Zefa.

—Diga, seu Pedro...

—Agora é que a nossa luta começa, Genô. Isso tudo que você acaba de falar, ainda vai demorar um montão de tempo até virar verdade verdadeira. Escreve o que estou dizendo. Muita gente ainda vai levar pancada nas costas, apanhando em outras greves, até que isso seja verdade...

Pedro parou de falar, com certa dificuldade em respirar: depois, olhando para a janela, ouvindo o foguetório, concluiu, pensativo, porém sorridente:

—Mas já é um bom começo, um bom começo...

Realmente, um bom começo para o fim desta história.

Este livro é uma homenagem à *Josana Carla*, morta em um canavial de Barrinha; à *Margarida Maria Alves*, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, assassinada em Alagoa Grande, Paraíba; à *Alvina Fereira da Silva*, de Pitangueiras, à *Mariana Santos de Souza*, de Maringá e à *Eronina de Oliveira*, de Ituverava, mortas em acidentes de caminhão; à *Helena Aparecida de Oliveira*, de Barrinha, paralítica por acidente de caminhão e à *Elza Fernandes da Costa*, de Pitangueiras, espancada pela polícia. Também é uma homenagem a todas as mulheres bóias-frias, símbolos de uma luta que, como a de Marta, não termina no final do dia, no final do corte de cana, mas que continua nas mortes provocadas pelos caminhões, nos choques com a polícia, e em casa, onde ainda têm que dar conta, sozinhas, dos serviços domésticos. À elas, o meu carinho, a minha dedicação, a minha solidariedade.

O Autor

*Digitalizado por *Ra* e Weber*

